



UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Mestrado em Temas de Psicologia – Comportamentos Desviantes

# Perceções de jovens ofensores sobre suas trajetórias na delinquência juvenil.

Gabriela Maia Sousa

Porto, 01 de novembro de 2017

**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**PERCEÇÕES DE JOVENS OFENSORES SOBRE SUAS TRAJETÓRIAS NA  
DELINQUÊNCIA JUVENIL**

**Gabriela Maia Sousa**

Novembro 2017

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor *Jorge Negreiros* (FPCEUP).

## AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer as pessoas queridas que fazem parte da minha vida e me deram toda a força que precisei neste e em todos os momentos, nomeadamente a meu filho, meus pais e meus irmãos.

Agradeço ao meu país e meu trabalho, que me deram a chance e suporte necessário para realizar este sonho.

Deixo também um agradecimento sincero a meus amigos, tanto aos que me acompanharam de longe como os que encontrei nesta caminhada.

Um especial agradecimento ao meu orientador, que me acompanhou e incentivou em todo o percurso.

Ao Diretor do Centro Educativo de Santo António, Dr. António Viana, e a sua brilhante equipe, um imenso agradecimento por me receberem tão bem e se mostrarem tão disponíveis.

Aos adolescentes que participaram desta pesquisa, que mesmo sem me conhecerem fizeram algo que lhes pode ser tão difícil, confiaram em mim e compartilharam um pouco sobre suas vidas.

E a Deus, que abriu e fechou portas e janelas, levando a todos os encontros e desencontros desta caminhada e me dando oportunidade para chegar a este final.

## Resumo

A delinquência juvenil é um fenômeno complexo que vem suscitando modelos explicativos que evidenciam sua natureza dinâmica e processual a partir da compreensão das fases da trajetória de comportamentos delinquentes e de seu curso durante o desenvolvimento. Assim, este trabalho é um estudo qualitativo que se propõe a explorar as percepções de rapazes portugueses a respeito de suas trajetórias, focando-se no início, continuidade e desistência em comportamentos delinquentes. Entre 08/06/2017 e 12/06/2017, foram realizadas 14 entrevistas semi-estruturadas, com homens, de idade média de 16,36 anos ( $DP=1.01$ ), com histórico de grave envolvimento em atos delinquentes cumprindo Medida Tutelar de Internamento no Centro Educativo Santo António. Foi realizada análise de conteúdo temática, conforme Bardin (1977), baseada em temas-perguntas como: Como ocorre o início do envolvimento com atos semelhantes a crimes? Quais os fatores podem influenciar o início, a continuidade e a desistência da carreira delinvente? Será que ao longo desse percurso, os fatores para continuar e para desistir de tais comportamentos continuam os mesmos? Focando-se na vertente desenvolvimentista do fenômeno pesquisado, apoiou-se na Teoria Interacional de Thornberry para discutir as categorias encontradas. Coadunando com o que mostra a literatura, observou-se, quanto ao início do envolvimento delinvente, a prevalência de um cenário em que houve o progressivo afastamento de uma rotina estruturada e do ambiente escolar em direção de dias ociosos pautados pela fixação em interesses egocêntricos e na imitação de pares com tendências antissociais ou na busca por sensações. Quanto à continuidade, o envolvimento do jovem em um contexto criminal contribui para os atos delinquentes ao mesmo tempo em que esse contexto é reforçado por eles. Por fim, evidenciou-se o caráter processual da delinquência, imersa no próprio desenvolvimento dos jovens, influenciando e sendo influenciado pelo amadurecimento pessoal e pela forma como a trajetória comportamental interage com as demais trajetórias que fazem parte da vida de cada um. Tais achados são importantes a medida que acrescentam à literatura uma perspectiva subjetiva, profunda e particular sobre o assunto e favorecem a compreensão da delinquência juvenil em sua forma processual e como parte do desenvolvimento desses ofensores, e pode ser uma luz que carrega de subjetividade esse tipo de comportamentos. Ainda assim, percebe-se a necessidade de mais pesquisas, aprofundando alguns trechos das informações obtidas.

## Abstract

Juvenile delinquency is a complex phenomenon that has been eliciting explanatory models that demonstrate its dynamic and procedural nature from the understanding of the delinquent behavior's trajectory phases and its course during development. Therefore, this work is a qualitative study that proposes to explore the perceptions of Portuguese boys regarding their trajectories, focusing on the beginning, continuity and withdrawal from delinquent behaviors. Between the dates 08/06/2017 and 06/12/2017, 14 semi-structured interviews were conducted with men, with an average age of 16.36 years old ( $SD = 1.01$ ), with a history of serious involvement in delinquent acts, complying with a detention at the Santo António Educational Center determined by the Portugal Juvenile Justice. A thematic content analysis was performed, according to Bardin (1977), based on themes-questions such as: How does beginning involvement with crime-like acts occur? What factors can influence the beginning, continuity and withdrawal from a delinquent behavior? Do the factors to continue and to withdraw from such behaviors continue the same along this path? Focusing on the developmental aspect of the phenomenon researched, the discussion of the categories found was based on Thornberry Interactional Theory. In line with what the literature shows, it was observed that in the beginning of delinquent involvement, the prevalence of a scenario where there was a gradual departure from a structured routine and from the school environment towards idle days guided by self-centered interests in the imitation of pairs with antisocial tendencies or in the search for specific sensations. As for continuity, the involvement of the young person in a criminal context contributes to delinquent acts concurrently as this context is reinforced by them. Finally, it was evidenced that the procedural character of delinquency, immersed in the own development of young people, influenced and was influenced by personal maturation and by the way the behavioral trajectory interacts with the other trajectories that are part of each one's life. Such findings are important as they add to the literature a subjective, deep and particular perspective about the subject studied and favor the understanding of juvenile delinquency in its procedural form and as part of the development of these offenders, and may be a beacon of light that carries subjectivity of this type of behavior. Nevertheless, it is perceived the need for more research deepening some of the information here obtained.

## Résumé

La délinquance juvénile est un phénomène complexe qui suscite des modèles explicatifs qui démontrent sa nature dynamique et procédurale à partir de la compréhension des phases de la trajectoire du comportement délinquant et de son évolution au cours du développement. Ainsi, ce travail est une étude qualitative qui vise à explorer les perceptions des garçons portugais sur leurs trajectoires, en se concentrant sur le début, la continuité et l'abandonnement des comportements délinquants. Entre 08/06/2017 et 12/06/2017, nous avons mené 14 entretiens semi-dirigés avec des hommes, d'âge moyen 16,36 ans (DP=1.01), avec une histoire d'implication sérieuse à des actes délinquants et qui sont détenus dans le centre éducatif Santo António. Nous avons effectué une analyse de contenu thématique, selon Bardin (1977), basée sur des questions-thèmes telles que: comment commence la participation aux actes similaires à des crimes? Quels sont les facteurs qui peuvent influencer le début, la continuité et l'abandonnement de la carrière délinquante? Est-ce que les facteurs pour décider de continuer et d'abandonner le comportement délinquant restent les mêmes tout au long de ce cours? En se concentrant sur l'aspect développemental du phénomène étudié, la discussion sur les catégories trouvées était basée sur la Théorie Interactionnelle de Thornberry. En accord avec la littérature, on a observé, quant au début à la participation délinquante, la prédominance d'un scénario dans lequel il y a eu un départ progressif d'une routine structurée et du milieu scolaire vers des journées oisives guidées par la fixation sur des intérêts égocentriques et l'imitation de pairs aux tendances antisociales ou à la recherche de sensations. Quant à la continuité, on a observé l'implication d'un jeune dans un contexte criminel contribue aux actes délinquants en même temps que ce contexte est renforcé par eux. Finalement, l'aspect procédural de la délinquance a été mis en évidence. Elle est immergée dans le développement même des jeunes, influençant et étant influencée par la maturation personnelle et par la manière dont la trajectoire comportementale interagit avec les autres trajectoires qui font partie de la vie de chacun. Ces résultats de recherche sont importants car ils ajoutent à la littérature une perspective subjective, profonde et particulière sur le sujet et favorisent la compréhension de la délinquance juvénile dans son aspect procédural et dans le cadre du développement de ces délinquants, et peut être un aperçu qui porte la subjectivité à ce type de comportement. Néanmoins, nous voyons encore la nécessité de poursuivre les recherches pour approfondir certaines sections des informations obtenues.

## Índice Geral

1. Introdução .....	01
1.1. Delinquência Juvenil .....	04
1.2. Delinquência Juvenil a partir da perspectiva do desenvolvimento .....	06
2. Método .....	16
2.1. Participantes .....	16
2.2. Instrumentos .....	17
2.3. Procedimentos .....	18
2.4. Procedimentos de Análise .....	18
3. Resultados .....	20
3.1. Como ocorre o início do envolvimento com crimes? .....	20
3.2. Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a começar a cometer crimes? .....	25
3.3. Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a continuidade na trajetória delinquente? .....	29
3.4. Será que ao longo do percurso de envolvimento com crimes, os fatores para continuar cometendo crimes são os mesmos? .....	33
3.5. Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a desistir de cometer crimes? .....	34
3.6. Será que ao longo do percurso de envolvimento com crimes, os fatores para desistir de cometer crimes são os mesmos? .....	37
4. Discussão .....	37
5. Conclusões .....	41
Referências Bibliográficas .....	45
Anexos .....	47



## Índice de Anexos

<b>Anexo A:</b> Guia da Entrevista .....	47
<b>Anexo B:</b> Consentimento Informado .....	49
<b>Anexo C:</b> Grelha de Análise de Conteúdo das Entrevistas .....	50
<b>Anexo D:</b> Categorização (Como ocorre o início do envolvimento com crimes?) .....	51
<b>Anexo E:</b> Categorização (Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a começar a cometer crimes?) .....	52
<b>Anexo F:</b> Categorização (Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a continuar a cometer crimes?) .....	53
<b>Anexo G:</b> Categorização (Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a desistir de cometer crimes?) .....	54

A delinquência juvenil é um evento complexo que tem proporção global. É um tema vasto, que vem sendo amplamente estudado por diversas disciplinas. Mesmo diante de uma gama de conhecimentos produzidos e de uma emergência de esforços no âmbito acadêmico e na prática profissional ao redor do mundo, ainda se delineia a necessidade de maior compreensão sobre o assunto. Isso pode ser afirmado diante da manutenção de altas taxas de condutas delituosas entre os jovens e a existência de inúmeras práticas que não levam a soluções efetivas e de outras que são consideradas eficazes e ainda assim não se associam a uma maior taxa de desistência na delinquência.

Nos Estados Unidos, a delinquência juvenil e a reincidência são consideradas um problema significativo que vem sendo debatido em diversas esferas comunitárias. São questões que merecem a atenção da comunidade e do Estado por causarem um impacto deletério na sociedade. Especialistas e profissionais que elaboram as leis concordam que um meio viável de prevenção e diminuição da delinquência juvenil é a educação, fornecendo serviços pedagógicos e de aconselhamento (Mincey, Maldonado, Lacey & Thompson, 2008).

Na América Latina é frequentemente posto que a delinquência juvenil está majoritariamente relacionada a aspectos socioculturais e econômicos, sendo associada a fatores como os altos índices de violência, a precariedade econômica, a falta de oportunidade de trabalho ou o grande número de empregos informais e mal remunerados. Outros fatores também estudados e apontados como envolvidos com a delinquência juvenil nesse contexto são as relações familiares conflituosas e com pares que influenciam negativamente, os baixos níveis de escolaridade e a evasão escolar, além de características de personalidade e o processo de construção de identidade em que o comportamento delitivo assume um papel (Sanz, Moreno & Pérez, 2016).

Na Europa Ocidental, não há consenso entre especialistas se a delinquência juvenil está aumentando. Há um círculo de estudiosos que apontam para um rápido e contínuo aumento da delinquência juvenil no período pós-guerras mundiais. Em alguns países, como a Alemanha e a Inglaterra, se constata um aumento aproximadamente contínuo desse fenômeno. Porém, para alguns estudiosos, esses países são importantes exceções, seguindo uma tendência que difere da maioria dos países da Europa Ocidental, onde tem ocorrido a estabilização ou um pequeno declínio desse evento. Uma explicação para essa percepção

de aumento da delinquência tida por estudiosos, mídia, políticos e população em geral pode estar relacionada com uma possível mudança na forma da sociedade ver a violência, o que leva a uma alteração na forma de reagir a delinquência juvenil e possivelmente provoca um espiral de ampliação da delinquência (Estrada, 2001). Assim, a mudança de reação ao comportamento delinquente faz com que as pessoas se incomodem mais com ele, por exemplo, e isso estaria diretamente relacionada com uma maior visibilidade da delinquência, processo no qual a mídia tem um efeito importante.

Em Portugal, o tema de delinquência juvenil tem indicado um crescente interesse social nas últimas duas décadas. As notícias da mídia frequentemente expõem práticas cometidas por crianças e jovens com extrema violência e as estatísticas oficiais mostram taxas consideráveis de jovens cumprindo medidas tutelares educativas, inclusive por roubos, ofensas a integridade física e furtos. Além disso, é consensual que a maioria das ofensas realizadas pelos jovens não são indicadas por nenhum desses dois meios (Braga & Gonçalves, 2013). Apesar de não ser possível precisar a verdadeira dimensão do fenômeno nesse país, faz-se notório o sentimento generalizado de insegurança no que tange a delinquência juvenil urbana (Carvalho, 2005).

Carvalho (2005) situa a delinquência juvenil como uma subcategoria do comportamento desviante que engloba o fenômeno relacionado com os atos que contradizem as regras sociais estabelecidas nas esferas jurídicas cometidos por crianças e adolescentes. É um problema social e está relacionado a possibilidade de intervenções administrativas ou jurídicas, pois sua detecção pode desencadear reprovação social e sanções que vão para além do âmbito familiar e educativo.

O comportamento desviante é um conceito que pode ser definido a partir de diferentes perspectivas. Por uma conceptualização normativa, esse seria o comportamento que vai de encontro as normas sociais vigentes e que, sendo dessa forma, quando detectado, provoca reações sociais e tem sanções associadas.

Em uma perspectiva sociológica, é frequente considerar-se importante a ideia de controle social ao se abordar temáticas que englobam a questão de pessoas que violam as regras socialmente impostas e as que se conformam a elas. Nesse sentido, o controle social é um conceito que abarca os meios que os grupos sociais têm para lidar com os comportamentos que violam as normas sociais. Distingue-se dois processos de controle social que podem ocorrer simultaneamente: a internalização das normas do grupo e as pressões externas. O primeiro é um meio de estimular a conformidade às regras a partir da

socialização, e dessa forma as pessoas sabem o que é esperado e aceito socialmente e se conformam a essas expectativas; o segundo são as sanções associadas a não conformidade ou a mera possibilidade de não se conformar com as normas. As pressões externas podem ser controles sociais informais, como as reações de pessoas próximas a uma conduta inadequada as normas sociais; ou podem ser controles formais, quando a reação de sistemas organizados, como uma punição da escola por faltar as aulas, ou mesmo as sanções legais (Clinard & Meier, 2008).

A delinquência juvenil é, então, um comportamento que provoca reações sociais e que é associado, quando detectado, a possibilidade de sanções legais. Os envolvidos, frequentemente, são rotulados de forma pejorativa, estigmatizados pela sociedade. Muitas vezes são vistos como vítimas de uma sociedade opressora, muitas vezes são apontados como monstros. Diante de dedos levantados e estigmas lançados, há muito do que ocorre no contexto de envolvimento em comportamentos delinquentes que se carrega de um caráter de submundo e de tabu.

Além da delinquência juvenil ser um problema social por si, há a compreensão de que o crime na vida adulta com certa frequência associa-se a condutas delituosas anteriores. Somado a isso, sabe-se que há maior eficácia nas estratégias de intervenção e de prevenção precoces. Todos esses são fatores que indicam a importância de se estudar a delinquência juvenil e, também, compreender as etapas de envolvimento com atos ilícitos por crianças e adolescentes, ou seja, o começo, a continuidade e o fim.

Coadunando com essa ideia, uma abordagem que tem sido seguida na literatura na área de comportamentos desviantes no que tange a jovens ofensores é o estudo das trajetórias dos desviantes. Silva (2002) refere que vários autores têm percebido a necessidade de se estudar não só as causas da delinquência juvenil, mas verificar quais são as causas relacionadas com seu curso durante o desenvolvimento, fatores associados a persistência e a desistência. Ressalta-se, porém, que esse tipo de perspectiva, mesmo sendo uma descrição válida e importante, tem seguido uma orientação quantitativa baseada em relativamente poucas dimensões, tendendo a dar pouca atenção as interpretações dos jovens envolvidos no fenômeno e a omitir relevantes componentes que fazem parte da compreensão do comportamento delinquente, como os aspectos cognitivos e emocionais (Brunelle, Cousineau & Brochu, 2005).

Apesar de existir uma variedade de pontos de vista por onde se pode partir para observar esse fenômeno, e mesmo considerando as alternativas como complementares para

a compreensão do todo, este documento irá se focar em perspectivas mais estudadas dentro da área da psicologia. Ressalta-se que a própria escolha, sistematização das informações e ordenamento desta apresentação faz parte do processo de construção de conhecimento sobre o qual se trata este trabalho. Assim, nas próximas etapas, serão abordados os temas da delinquência juvenil de forma geral e pela perspectiva das teorias desenvolvimentistas.

### 1.1. Delinquência Juvenil

Bartol e Bartol (2005) consideram que delinquência juvenil é um termo impreciso usado no âmbito social, clínico e legal para designar uma variedade de comportamentos praticados por jovens em que ocorre a violação de leis e normas. A definição social associa-se a condutas inadequadas e a definição psicológica inclui conceitos clínicos como desordem de conduta e comportamento antissocial. Atualmente, os cientistas têm consenso a respeito de alguns fatores de risco para a delinquência juvenil. Entre esses encontra-se fatores sociais, como aspectos relacionados ao estatuto socioeconômico, à influência de amigos e família, às experiências pré-escolares e escolares, ao contexto familiar e às práticas disciplinares parentais; e os fatores psicológicos, como aspectos do desenvolvimento.

Silva (2002) refere que a partir de dados acumulados de mais de 66 estudos longitudinais constatou-se um conjunto de fatores de risco que são preditores de condutas delinquentes e violentas. Aparecem como fatores individuais desordens de internalização, hiperatividade, crenças antissociais e histórico de comportamentos antissociais precoces; como fatores familiares, a criminalidade parental, práticas de parentalidade pouco efetivas, maus-tratos ou abusos sofridos quando criança ou a separação entre pais e filhos também na infância. Há ainda alguns fatores relacionados com a escola, como o fracasso acadêmico ou mudanças constantes de colégio, e ainda fatores sociais ou relacionais, como o pertencimento a uma gangue, as relações com pares envolvidos em comportamentos delinquentes, a pobreza, desorganização social, exposição a situações de violência ou fácil acesso a drogas ou armas.

Apesar desses fatores serem bem conhecidos no meio acadêmico, não há acordo total quanto a forma e o grau da influência desses a seu respeito. Howitt (2002) aponta que alguns pesquisadores consideram que as correlações da infância com a posterior criminalidade têm uma relação de causa e efeito, no sentido que alguns fatores presentes na infância determinam o posterior envolvimento em comportamentos delinquentes ou

criminais. Majoritariamente, considera-se que essas correlações são ferramentas para identificar crianças que estão mais em risco de posteriormente se engajarem em práticas delituosas. Além disso, é observável que há grande coincidência entre os fatores que as evidências apontam fortemente como antecedentes do comportamento criminal e do antissocial. O que pode sugerir que haja uma proximidade ou semelhança na origem desses dois fenômenos (Howitt, 2002). Ou seja, há autores que apontam que o crime cometido por adultos provavelmente tem o mesmo tipo de etiologia das condutas delitogênicas dos jovens.

Entre muitos fatores existentes nessa equação cujo o resultado pode ser a delinquência juvenil também são relevantes os fatores de proteção. Uma forma de olhar para os fatores de proteção é considerar os aspectos contrários ao de risco, como ser protetivo em desfavor do comportamento antissocial na infância um estilo parental adequado, contrariando um estilo parental pobre. Porém, há outra forma de ver esses fatores. Considerando que muitas pessoas são sujeitas a condições de risco similares e, ainda assim, algumas podem se envolver com comportamentos desviantes e outras não. Diante disso, percebe-se que há fatores de proteção que podem participar dessa relação, ou seja, que ocorrem simultaneamente aos fatores de risco, mas que contribuem para que os esses últimos tenham menor repercussão (Howitt, 2002).

A partir dessas colocações pode-se pensar na delinquência juvenil como um fenômeno complexo, que ocorre a partir da interação de múltiplos fatores e em diferentes contextos, que se caracteriza pela transgressão às normas ou leis por parte de uma pessoa que é classificada legalmente como estando em uma fase do desenvolvimento anterior a da vida adulta e que quando essa violação é detectada judicialmente normalmente tem como consequência alguma sanção.

São várias as explicações utilizadas para justificar e elucidar o comportamento antissocial na infância. Entre elas está a teoria do raciocínio moral. A importância dessa teoria se deve ao fato de que muitas pesquisas demonstram que jovens delinquentes apresentam um nível de raciocínio moral menos desenvolvido do que os não delinquentes. Uma extensão da teoria de Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo, a teoria de Kohlberg propõe que o raciocínio moral se desenvolve durante a infância, passando por alterações na forma como as decisões são tomadas, isso quer dizer que mudam as razões pelas quais se toma as decisões. Essas mudanças caracterizam seis diferentes fases, iniciando em um primeiro período, chamado de pré-convencional, no qual a moral é baseada no ímpeto de

seguir regras e evitar punições; segue ao nível convencional, no qual passa a se ter uma preocupação com recompensas e interesse pessoal; passa por um estágio em que o julgamento moral está envolvido em uma busca por aprovação social e manutenção de boas relações; segue para uma fase de demonstração de respeito a autoridade e compromisso com o próprio dever; no quinto estágio a moral é baseada em princípios baseados nos contratos sociais e que se direcionam para o bem estar comunitário; e no último há o predomínio de princípios morais mais abstratos (Howitt, 2002). Há, dessa forma, um desenvolvimento de um raciocínio moral mais concreto para o mais abstrato. Apesar de algumas críticas, inclusive com relação a questões de gênero, as evidências apontam uma diferença quanto ao estágio de desenvolvimento desse tipo de raciocínio entre jovens com comportamentos delinquentes, que apresentam níveis mais baixos, e os sem esses comportamentos, considerando-se que são controladas outras variáveis.

## 1.2. Delinquência Juvenil a partir da perspectiva do desenvolvimento.

Silva (2002) salienta a importância de se construir modelos explicativos da história dos comportamentos delinquentes que levem em considerações as diferentes fases na trajetória de violência, de forma a obter uma maior compreensão para a predição dos comportamentos delinquentes e maior embasamento para as estratégias de intervenção.

Essa ideia vai ao encontro das linhas de estudo que buscam observar o crime ou a delinquência juvenil a partir de uma perspectiva do desenvolvimento, como ocorre na Criminologia do Desenvolvimento. Morizot e Kazemian (2014) pontuam três objetivos principais dessa corrente de estudo: a descrição de continuidades e mudanças no que tange aos comportamentos antissociais e criminais durante o curso de vida; a identificação de variáveis etiológicas associadas a esse percurso, incluindo os fatores de proteção e de risco; e a explicação de parâmetros relacionados com o desenvolvimento de comportamentos delinquentes e criminais.

Esses estudos se tornam relevantes a medida que tem se observado que o comportamento criminal não é estático, ou seja, de diversas formas ele muda ao longo dos diferentes períodos da vida dos ofensores engajados nele. O que indica a necessidade de uma visão mais dinâmica sobre o fenômeno. Uma demonstração da importância dessa dinamicidade pode ser conseguida a partir da análise da curva idade-crime. Essa curva é um gráfico que representa, ao nível agregado, a relação entre a taxa de crimes, normalmente obtido a partir do número de apreensões, e a idade de ofensores. Segundo

Morizot e Kazemian (2014) essa curva tem consistentemente indicado que o começo do comportamento criminal ocorre tipicamente entre 9 e 14 anos, há um pico de prevalência de condutas delinquentes do meio para o final da adolescência, entre 16 e 19 anos, que segue de uma drástica diminuição do engajamento criminal no período de transição e entrada na vida adulta, entre 17 e 29 anos. Pesquisadores da área têm considerado que o pico de crimes reflete mais do que o aumento da frequência de cometimento de crimes, mas, principalmente, indica que nessas idades há um maior número de ofensores ativos, ou seja, há realmente um aumento na prevalência, na participação em atos ilícitos.

Outro aspecto sobre o comportamento antissocial e criminal que fazem essa perspectiva de desenvolvimento ser interessante é o fato de que se tem verificado que as causas para o envolvimento na delinquência podem variar ao longo de diferentes períodos da vida. Morizot e Kazemian (2014) citam pesquisas que indicam como diferentes fatores causais podem estar associados a fases distintas da carreira criminal, que argumentam a favor da possibilidade de uma exposição gradual e progressiva a fatores de risco, ou mesmo sobre como fatores de risco podem agir de forma complexamente encadeada, afetando desde cedo a vida de uma pessoa, mas acumulando-se ao longo do tempo de forma a aumentar o risco de um comportamento a longo prazo e, por fim, expõem o conceito de causação assimétrica, que pressupõe que os fatores que estimulam o início de um comportamento diferem daqueles que estimulam a desistência (Morizot e Kazemian, 2014).

Tzoumakis, Lussier, Le Blanc e Davies (2012) constataam que nos últimos anos a avaliação de jovens ofensores tem sido influenciada por esquemas de classificação oriundos dos estudos na área do desenvolvimento e que são baseadas na ideia de que a idade de início do envolvimento com atos antissociais é um dado informativo sobre mecanismos específicos etiológicos e de fatores de risco, associado, assim, a diferentes trajetórias de desenvolvimento e prognósticos, que, por conseguinte, indica importantes implicações no que tange a avaliação e os tratamentos.

Uma importante classificação é a formulada por Moffitt (1993). Ao avaliar que a delinquência juvenil era estudada a partir de teorias gerais do crime, comparações entre delinquentes e não delinquentes e das dimensões antissociais de amostras de sujeitos, a autora concluiu que faltava uma classificação mais acurada, com maior enfoque na etiologia e com maior poder de preditivo que pudesse guiar as pesquisas principais de criminologia e psicopatologia sobre esse tema. Assim, pretendendo preencher essa lacuna,



baseia-se em evidências robustas e observações de campo até então pouco compreendidas para propor a existência de duas categorias de indivíduos que se revestem sob o termo de delinquência juvenil: pessoas com comportamentos antissociais temporários e pessoas que essas condutas são persistentes. Cria, assim, duas teorias, uma para cada categoria, que se entrelaçam a partir de um nó, o momento de início de envolvimento em condutas inadequadas e a duração da carreira criminal.

Suas teorias propõem que muitas pessoas se comportam de forma antissocial, sendo isso especialmente comum entre adolescentes. Nessas pessoas, as condutas inadequadas são temporárias e situacionais, são comportamentos sociais adaptativos. São delinquentes cuja atividade criminal é restrita à adolescência, o que deve se relacionar com algo próximo a esse estágio de desenvolvimento. Propõe que os “comportamentos antissociais limitados a adolescência” tem origem em uma lacuna entre a maturação do desenvolvimento biológico e do social, além de ser aprendida pela imitação de modelos antissociais e ser mantida de acordo com o que se propõe na teoria de aprendizagem social. Há, porém, um grupo relativamente menor e qualitativamente diferente, que se constitui de pessoas que têm problemas severos de comportamento e cujas condutas antissociais são estáveis, persistentes. Para esses, a delinquência na adolescência é apenas mais uma em um curso de vida marcado pelo contínuo e duradouro envolvimento em comportamentos antissociais. Nesses casos, a atividade criminal é persistente ao longo do curso de vida e suas principais causas devem estar em fatores precoces de sua infância e que explicariam a continuidade em situações problemáticas (Moffitt, 1993).

Além de estudar os tipos de desenvolvimento, recentemente, têm se estudado também as trajetórias de desenvolvimento. Ambas se diferem na medida que os primeiros estão focados em definir categorias de indivíduos que, ao longo do seu desenvolvimento apresentam diferentes trajetórias, enquanto as segundas buscam verificar padrões de sequências de comportamentos (Loeber & Burke, 2011). As trajetórias de desenvolvimento vêm sendo estudadas por diversos pesquisadores e em diferentes áreas do conhecimento, como a psicologia do desenvolvimento, a criminologia e a psiquiatria. Loeber e Burke (2011) definem trajetória de desenvolvimento relacionada com problemas de comportamento como sendo o desenvolvimento ordenado de comportamentos que ocorre entre mais de dois problemas comportamentais e para os quais os indivíduos, em seu desenvolvimento, possuem propensões diferentes de progredir ao longo desse percurso sucessivo de problemas representados pela trajetória. Há, então, uma preocupação com a

sucessão de problemas de comportamentos que são desenvolvidas pelos indivíduos. Os estudos desse tipo focam-se em problemas de comportamento precoces que são persistentes ou que fazem parte de uma sequência de desenvolvimento que posteriormente abarque comportamentos antissociais ou delinquentes. As trajetórias de desenvolvimento delineiam como indivíduos progridem a partir de problemas de comportamento pouco graves até aos muito sérios. E, dessa forma, abre-se a possibilidade de observar aspetos dinâmicos na progressão dos jovens para problemas sérios de comportamento.

Nessa perspetiva, busca-se identificar o menor número de trajetórias que possam melhor encaixar os problemas comportamentais de um grande número de jovens. Além disso, formula-se essas trajetórias com base em modelos testáveis e em análises probabilísticas, não sendo uma visão determinística. E, então, pode-se servir dessas trajetórias de desenvolvimento para se identificar e distinguir pessoas que desenvolvem uma sucessão de problemas comportamentais específicos e as que apenas desenvolvem alguns comportamentos problemáticos ou mesmo para elaborar instrumentos de intervenções ou projetos de prevenção da delinquência (Loeber & Burke, 2011).

Esses mesmo autores, com bases em achados científicos, apresentam três trajetórias em comportamentos externalizantes: uma a trajetória de conflito de autoridade, com início normalmente antes dos 12 anos e que tem como estágios em ordem crescente o comportamento teimoso, o desafio ou desobediência e o comportamento de evitação da autoridade, como ficar fora de casa até tarde ou mesmo fugir; uma trajetória aberta, cujos os estágio em ordem crescente são a agressão menor, como irritar os outros ou o bullying, o envolvimento em lutas, a violência, como o estupro ou um ataque armado, e, um quarto estágio o homicídio; e uma trajetória coberta, com início antes dos 15 anos e com estágio inicial o comportamento coberto menor, como a mentira frequente ou o furto a lojas, seguido do dano a propriedades, para a delinquência moderadamente séria, como o furto, e, por fim, a delinquência mais séria, como o roubo a carros e assaltos. Consideram que essas três trajetórias são mais adequadas para descrever as possibilidades de trajetória de desenvolvimento dos problemas de comportamentos do que considerar que existe apenas uma trajetória que englobaria tudo mesmo sendo evidenciado que, normalmente, o conflito com autoridade precede a escalada nos atos abertos ou coberto.

De fato, as trajetórias não são excludentes, podendo um jovem seguir as três ao mesmo tempo. Além disso, o modelo de trajetórias coaduna com as pesquisas na área que demonstram que a maioria dos jovens que chegam a estágios mais avançados de uma

trajetória também tinham apresentado comportamentos que marcam os estágios iniciais desse percurso. Também abrange os resultados de pesquisa que mostram que, da infância a adolescência, tipicamente os meninos progridem ordenadamente de problemas de comportamento menos sérios para os mais graves e que o início precoce de problemas de comportamento ou na delinquência, quando comparado com o início em uma idade mais tardia, está associado de forma mais forte a escalada para comportamentos mais sérios (Loeber & Burke, 2011).

Outra perspectiva que se afasta das tipológicas, ou seja, as que busca classificar tipos de ofensores, é a da Teoria Interacional, que considera haver muito mais diversidade na carreira criminal do que é sugerido nas principais teorias tipológicas. Thornberry e Krohn (2005) explicam que essa teoria, ao invés de dividir a população de ofensores em tipos de delinquentes, consideram que os dados longitudinais sugerem que o início do envolvimento com comportamentos antissociais pode ser melhor concebido como continuamente distribuído entre o início e fim das três fases da vida, infância, adolescência e vida adulta. E que esse início tem apenas uma relação moderada com a persistência dos atos ofensivos. Para Cerqueira e Lobão (2004) a Teoria Interacional de Thornberry, inspirada nas teorias do controle social e da associação diferencial, possui como bases a perspectiva evolucionária que pressupõe o crime como um processo, em que há um início, um desenvolvimento e um fim; e a noção da causalidade recíproca, que aponta como os comportamentos desviantes ocorrem como parte de um processo interacional dinâmico em que a delinquência é causa e consequência de relações recíprocas desenvolvidas. Assim, a teoria assume que o comportamento desviante afeta e resulta das interações sociais.

Partindo da teoria inicial, foram realizadas extensões da Teoria Interacional de Thornberry e Krohn, incorporando noções também das teorias de representação social e enfatizando os padrões de comportamento antissocial e pró-social visando explicar a continuidade e mudança das trajetórias de comportamentos antissociais ao longo da vida, englobando os estágios pré-escolar, a infância, adolescência, transição do final da adolescência para o início da vida adulta. Os autores também apresentaram uma contribuição com um modelo de continuidade intergeracional (Jang, 2010).

De forma mais ampla, Thornberry e Krohn (2005) argumentam que a Teoria Interacional possui três premissas fundamentais: a perspectiva de desenvolvimento, a causalidade bidirecional e a proporcionalidade de causa e efeito. As influências no curso da vida, ou a perspectiva de desenvolvimento, se relaciona com a ideia evolucionária já citada

e concebe a delinquência em si como uma trajetória comportamental que se relaciona com outras trajetórias que ocorrem ao longo da vida, como a da família e do trabalho, e indica que as causas da delinquência variam nos diferentes momentos da vida, além de serem influenciadas por sucessos e fracassos em estágios anteriores de desenvolvimento e por como as oportunidades individuais são afetadas pelos comportamentos dos indivíduos com os outros e pelas opções da vida. Há, então, nexos de causalidades circulares, em que o comportamento delinquente e suas causas reforçam-se mutuamente ao longo do percurso em carreiras criminais. Considera-se assim que os comportamentos antissociais, igualmente aos pró-sociais, emergem de um padrão estabelecido processualmente a partir das interações entre a pessoa e o seu ambiente e embutido na estrutura social. Além disso, há uma proporcionalidade na causa e efeito. Tendo em conta que a delinquência não é um reflexo de uma única causa, mas de fatores causais múltiplos, em que a magnitude da força causal é maximizada pela multiplicidade de variáveis causais, a proporcionalidade causa e efeito define que o aumento da magnitude da força causal associa-se ao aumento da probabilidade de um efeito, como do envolvimento com crime, bem com o aumento da magnitude desse efeito, como o aumento da severidade desse envolvimento. E, no caso de comportamentos delinquentes, a severidade inclui aspetos como o início precoce, a gravidade dos atos, a frequência de cometimento de atos delinquentes e a persistência no percurso delinquente.

A partir da ideia de que o comportamento antissocial pode ter início em qualquer momento da vida e ter durações variadas, os autores da Teoria Interacional descrevem quatro possíveis carreiras criminais com início de envolvimento em condutas ofensivas em quatro estágios da vida que se distinguem como etapas do desenvolvimento humano, ou seja, que são vistos como áreas que fazem parte desse processo mais gradual e contínuo: os anos pré-escolares, a infância, a adolescência e o final da adolescência/início da vida adulta (Thornberry & Krohn, 2005).

Thornberry e Krohn apresentam cenários elucidativos baseados no início e na desistência de comportamentos antissociais, que são possibilidades frequentes que representam quatro casos em um contínuo infinito de carreiras antissociais. Ressalta-se que tanto o início como a desistência são determinados por uma combinação e interação de influências estruturais, individuais e de parentalidade (Jang, 2010).

Assim como Thornberry e Krohn, outros autores discordam da distinção de tipos de ofensores e propõem a utilização de uma perspectiva que considera um contínuo em que

haja diversas possibilidades de trajetórias de desenvolvimento. Nesse sentido há a Teoria da Propensão Antissocial. Segundo Farrington e Ttofi (2015) essa teoria de Lahey e Waldman tem como constructo chave a propensão antissocial, que seria fruto de correlações genéticas-ambientais, relacionadas com a baixa habilidade cognitiva e outras três dimensões socioemocionais também consideradas de base genética: como características opostas a pró-sociabilidade, como o traço caloso e falta de expressão de emoção; pouco controle emocional, com características como ousadia, controle pobre e desinibição; e a emotividade negativa, com fácil irritabilidade, frustração e tédio.

Um importante autor que tem contribuído na área da criminologia do desenvolvimento com fascinantes e diversas ideias é Le Blanc. Em trabalhos individuais ou com colegas, apresentou vastas sugestões que variam desde tipologias dos comportamentos delinquentes, passando por trajetórias comportamentais baseadas em padrões de perpetração do crime, e incluindo uma Teoria do Controle Social para o fenômeno criminal.

Segundo Garrido (2012), Fréchette e Le Blanc identificaram em 1987, a partir de estudos longitudinais com populações juvenis de Québec, três tipos de comportamentos delinquentes: o de ocasião, o de transição e o de condição. O primeiro refere-se a condutas de pouca gravidade, incluindo infrações menores como pequenos furtos e vandalismo, que tendem a ser limitadas no tempo, ou seja, desaparecem, e são cometidas por jovens de ambos os sexos e de igual forma independente da classe social. Sugerem que crises de adaptação na família ou psicossociais e o grupo de pares podem ser fatores que desencadeiam esses atos. O segundo tipo refere-se a atos de maior gravidade, que normalmente ocorrem em maior frequência, apresentam uma maior diversidade de atos e o envolvimento nessas condutas tende a ser mais prolongado no decurso da vida. Divide-se em duas categorias: a conduta delincente de transição explosiva, cujos autores sugerem ser motivada principalmente por fatores familiares e a intermédia., que são desencadeadas por fatores escolares e por aspetos relacionados com a forma de ocupação do tempo ocioso. Por fim, o último tipo é marcado pela progressão na gravidade dos atos e a persistência no envolvimento delinquentes, sendo cometidos numerosos atos e de natureza heterogênea. Também se subdivide, em conduta delincente de condição menor, quando não há uma evolução dos delitos de contra a propriedade para contra pessoas; e a maior essa mudança ocorre. Os fatores associados ao desencadeamento desses comportamentos são a subsocialização e a dissocialização (Garrido, 2012).

Uma das contribuições mais complexas proposta por Le Blanc é seu conjunto de teorias que constituem a Teoria do Controle de Múltiplas Camadas sobre o fenômeno criminal, que estabelece a nível dinâmico e estrutural explicações integrativas. O autor parte do pressuposto de que o crime, a criminalidade e o evento criminal são diferentes níveis do fenômeno criminal, autônomos, com distintas definições e, consequentemente, explicações próprias. Apesar disso, um nível particular inclui os demais. De forma sucinta, para uma perspectiva psicológica, o crime é o nível micro e sua análise refere-se a aspetos do âmbito individual, o evento criminal é um processo de desenvolvimento do comportamento que tem começo, desenvolvimento e fim e abarca aspetos situacionais e a criminalidade é um nível macro, abrangendo aspetos ambientais. A partir da definição desses níveis, estabelece pelo menos sete camadas do fenômeno criminal. Propõe, então, uma teoria geral, genérica, sobre o controle social, da qual teorias mais específicas se derivam, integrando as múltiplas camadas do fenômeno. (Le Blanc, 1997).

Le Blanc (1997) postula em sua teoria geral do controle social que quando as configurações sociais e as condições ambientais resultam em um contexto favorável, os mecanismos de controle social funcionam de forma eficiente e apropriada de acordo com as expectativas sociais, mantendo-se ou mudando conforme essas. Já nos casos em que o contexto é adverso, esses mecanismos se tornam ineficientes, sendo insuficientes e inapropriados para garantir a harmonia, surgindo ou persistindo, assim, o fenômeno criminal. Essa proposta assume a existência de quatro fatores ou mecanismos que agem de forma simultânea e cooperativa, interagindo da seguinte forma: dois deles agem reciprocamente, a coesão social e o autocontrole, como componentes que promovem a fundação e a continuidade do controle social, enquanto a modelagem e os constrangimentos também atuam reciprocamente com a função de estimular a conformidade ou promover mudanças nesse controle. A regulação a conformidade é condicionada por capacidades biológicas e pela posição na estrutura social. Além disso, ao longo da vida, os modelos e os constrangimentos vão se alterando. Farrington e Ttofi (2015) explicam que a coesão social se refere a aspetos como apego e comprometimento com as instituições sociais, como família, escola, grupo de pares, religião, casamento e trabalho; o autocontrole se refere a uma estrutura hierárquica de traços de personalidade que tem como base o egocentrismo e topo o alocentrismo; a modelagem refere-se aos tipos pró-social e antissocial de rotinas de atividades e de modelos; e os constrangimentos

referem-se a obstáculos externos, como os métodos de socialização, e os internos, como as crenças.

Então, exemplificando como essa teoria pode ser usada como um guia maior para uma teoria mais limitada, focada em uma das camadas, Le Blanc (1997) propõe como teoria para a camada a nível individual:

*“At the individual level, conformity to conventional standards of behavior occurs and persists, on one hand, if an appropriate level of allocentrism exists and the bond to society is firm and, on other hand, if constraints are appropriate and models of pro-social behavior are available. This personal and social regulation of conformity is conditioned by the biological capacities of the person and his position in the social structure. [grifo do autor] Alternatively, offending emerges and continues when egocentrism persists, when the social bond is tenuous, when constraints are insufficient and deviant models are abundant. This causes of offending will be more potent when the individual has some biological deficiencies and when he comes from the lower social class.”<sup>1</sup> (pp. 228-229)*

O Modelo de Desenvolvimento Social, de Catalano e Hawkins, integra aspectos de três influentes correntes teóricas sobre o crime, as teorias de controle e coesão social, a teoria de aprendizagem social e a teoria de associação diferencial. Tem como premissa a proposição de que os comportamentos humanos, e mais especificamente os antissociais e pró-sociais, são influenciados fortemente pelos agentes de socialização, que englobam principalmente as pessoas que se tornam de maior importância para o indivíduo, que são mais significativas. As condutas desses agentes de socialização, bem como as normas e valores que eles seguem ou acreditam, influenciam o comportamento individual. Nesse sentido, a família, o grupo de pares e a escola assumem um papel central, tendo uma influência direta e indireta nos comportamentos (Gago, 2013). Farrington e Ttofi (2015) explicam que o constructo chave dessa teoria, a coesão social, tem como base o apego e o comprometimento. Sendo que cometer uma ofensa é considerada como uma decisão racional baseada na análise de benefícios e custos e motivada principalmente pelo desejo hedonista de busca de satisfação pessoal e priorização da realização dos próprios interesses. Gago (2013) considera que nessa teoria o comportamento antissocial seria um resultado da

---

<sup>1</sup> Tradução nossa: “A nível individual, conformidade a padrões convencionais de comportamento ocorre e persiste, por um lado, se um nível apropriado de alocentrismo existir e se a coesão com a sociedade for forte e, por outro lado, se os constrangimentos são apropriados e modelos de comportamento pró-social estão disponíveis. Essa regulação pessoal e social a conformidade é condicionada pelas capacidades biológicas da pessoa e sua posição na estrutura social. Alternativamente, ofensas emergem e continuam quando egocentrismo persiste, quando a coesão social é tênue, quando constrangimentos são insuficientes e modelos desviantes são abundantes. Essas causas de ofensas vão ser mais potentes quando o indivíduo tiver deficiências biológicas e quando ele vier de baixas camadas sociais.”

interação de fatores diversos com seus respectivos domínios em um processo de desenvolvimento de comportamento. Explicitando, esse processo incorpora três variáveis: a posição na estrutura social, os fatores individuais biológicos ou psicológicos, e os constrangimentos externos. Assim, através da via antissocial de desenvolvimento de comportamento, o prevalecimento de influências antissociais promoveria comportamentos antissociais. Uma segunda possibilidade de desenvolvimento comportamental seria a via pró-social, que funciona de forma análoga, porém com prevalência de influências pró-sociais, tendo como consequência comportamentos pró-sociais. Segundo Farrington e Ttofi (2015) na trajetória de desenvolvimento de comportamentos pró-sociais o indivíduo engaja-se em oportunidades para interação pró-social que levam a comportamentos pró-sociais e estimulam uso de habilidades de engajamento social e tem como resultado recompensas específicas aos comportamentos pró-sociais, conduzindo a coesão e crenças pró-sociais, o que é por si fatores de proteção contra comportamentos antissociais. Já a trajetória antissocial estimula fatores que encorajam o envolvimento em ofensas. Ressalta-se que, ao longo dos diferentes períodos de desenvolvimento há distintos modelos de interação, mesmo mantendo a base do modelo teórico, que é o processo de socialização estimulando o envolvimento em comportamentos pró-sociais ou antissociais.

A partir dessas diversas teorias sobre a delinquência juvenil percebe-se que existe uma complexidade inerente a esse tema. Como já ressaltado, vem sendo prioritariamente estudado quantitativamente. Essas investigações têm possibilitado importantes consensos e inúmeros dados descritivos, porém, há ainda lacunas não consensuais, como a forma e o grau de influência dos fatores de risco ou mesmo da amplitude do alcance das práticas de intervenções, mesmo as consideradas eficazes. Da mesma forma, vem ganhando força a linha de estudo que pretende observar o fenômeno a partir da ideia de desenvolvimento, buscando compreendê-lo em seu dinamismo e aspecto processual. Assim como Brunelle, Cousineau & Brochu (2005) fizeram ao estudar o uso de drogas e as trajetórias de delinquência, o presente trabalho tem como principal objetivo dar voz a jovens que experienciaram o fenômeno estudado e partir de seus pontos de vista explorar suas trajetórias de envolvimento com a delinquência juvenil. Acredita-se que as opiniões percepções desses ofensores podem vir de um lugar de fala que carregar o conteúdo com riqueza e profundidade. Além disso, direcionar esse olhar para momentos específicos da trajetória de envolvimento na delinquência deve contribuir para uma compreensão processual do fenômeno e lançar uma luz diferenciada que possibilita investigar o que e



como ocorre para alguns adolescentes o início, a continuidade e a desistência da delinquência. Em um outro sentido, também é uma oportunidade de olhar e ouvir jovens delinquentes no contexto Português, enriquecendo e aumentando os estudos que existem sobre o tema no país e sendo, de acordo com nossas pesquisas, um dos poucos que usa esse tipo de perspectiva.

Dessa forma, este trabalho é um estudo qualitativo que se propõe a explorar as percepções de jovens portugueses ofensores a respeito de suas trajetórias de vida, focando-se no início e continuidade do envolvimento com a delinquência juvenil e na desistência dessa carreira delinvente. A partir de análises de entrevistas, visa-se um contato com a subjetividade e opiniões dos participantes, jovens em cumprimento de medidas tutelares de internamento. Esse tipo de estudo pode contribuir por mostrar de uma forma mais próxima e humana a realidade dos adolescentes que se envolveram com atos tipificados como crimes, sendo um passo para a redução de estigmas e quebra de tabus sociais que rondam o tema. Além disso, favorece na ampliação de conhecimentos para os estudiosos e para os profissionais que estão na execução direta de medidas com os adolescentes e crianças delinquentes ou em risco de delinquir. Por fim, pode apontar direções e reflexões importantes para gestores e formuladores de leis e de projetos sociais voltados para prevenção e intervenção da delinquência juvenil.

## 2. Método

### 2.1. Participantes

Participaram desta pesquisa 14 adolescentes, homens, com idade média de 16,36 anos ( $DP=1.01$ ), todos com histórico de grave envolvimento com atos semelhantes a crimes, com registro de várias reincidências, e que estavam cumprindo Medida Tutelar de Internamento no Centro Educativo Santo António. Entre estes, 5 estavam cumprindo medida em regime aberto, 8 em regime semiaberto e 1 em regime fechado. Suas Medidas variando entre 6 e 28 meses ( $M=16,91$ ,  $DP=6,97$ ). Como parte da rotina na Unidade em que estavam, todos estavam inseridos na escola, em curso de educação e formação de adultos, que caso concluído oferece certificação profissional e equivalência escolar de 6º ano, para 3 jovens; de 9º ano, para 10 deles; e não identificado para um dos entrevistados. Porém, os 14 jovens possuem histórico de reprovações e evasões escolares. Entre eles, 4

jovens residem com sua família de origem, 4 em família monoparental, 3 com avós e tios, 1 em família reconstituída e 2 não informaram sobre o tipo de família. Pelo menos 13 dos jovens residem ou residiram em bairros sociais ou em suas proximidades e em pelo menos seis famílias foi identificado que as condições econômicas precárias foram um dos fatores de risco para o envolvimento do jovem em ilicitudes e ou pode ser um dificultador para a participação da família no acompanhamento da Medida Tutelar.

Devido à dificuldade em encontrar participantes com histórico de envolvimento em delinquência e que estão motivados a participar de uma pesquisa sobre esse assunto, buscou-se o apoio de um Centro Educativo para conseguir uma amostra. Foi escolhido o Centro Educativo Santo António, localizado no Porto, segunda maior cidade de Portugal. Dos 24 jovens que estavam internados no Centro Educativo no momento da realização da pesquisa, 15 foram indicados pela equipe técnica para participar das entrevistas com base em seu estágio de adaptação à Medida Tutelar. Assim, apenas os jovens que não estavam nos primeiros momentos da Internação puderam participar. A amostra foi selecionada a partir da disponibilidade destes em contribuir com este estudo, realizando-se, assim, 14 entrevistas. Apesar do interesse inicial desta pesquisa, não foi possível realizar entrevistas com jovens que já tinham sido desvinculados da Medida Tutelar, devido a questões éticas de privacidade e institucionais apontadas pela equipe do Centro Educativo.

## 2.2. Instrumentos

A partir do estudo da literatura e considerando os objetivos do estudo, foi elaborada um instrumental com 17 perguntas para guiar a entrevista, conforme consta no anexo A. Para verificar a adequação das perguntas e a linguagem foi feita uma pilotagem em grupo da entrevista, utilizando-se reflexão falada, na qual participaram três jovens, do sexo feminino, com idades de 12, 14 e 16 anos, residentes de um bairro social do Grande Porto.

Como uma forma de realizar um rapport, no início de cada entrevista foi feita uma dinâmica em que o participante registrava e descrevia momentos marcantes de suas trajetórias de vida e de seu percurso de delinquência, o que foi chamado de Linha da Vida. Em seguida foram feitas as perguntas que abrangiam questões a respeito do início, da continuidade e da desistência da carreira criminal (Ex.: 1. Na sua opinião, o que faz com que uma criança ou um adolescente cometa um ato que é igual a um crime?). Oito perguntas feitas durante a entrevista não foram utilizadas para elaboração deste documento, nomeadamente as 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14 e 17, por questões práticas e por escaparem dos

objetivos e limites definidos posteriormente para este estudo. Também foi utilizado um guia para análise dos dossiês dos jovens, que direcionava para coleta das seguintes informações demográficas e descritivas dos participantes: data de nascimento, tipo de família, escolaridade, registro de problemas de saúde e informações sobre o tipo e duração das medidas tutelares.

### 2.3. Procedimentos

O termo de consentimento, um breve projeto da pesquisa e o guia da entrevista foram enviados junto com um requerimento ao Diretor Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, que autorizou a realização da pesquisa no Centro Educativo de Santo António.

Ente os dias 08/06/2017 e 12/06/2017, durante os períodos da manhã e da tarde, foram realizadas 15 entrevistas individuais no Centro Educativo de Santo António, com durações entre 30 minutos e 1h15, uma delas descartada por solicitação do participante. Os jovens foram esclarecidos sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, leram e assinaram o termo de consentimento informado e confirmaram verbalmente o interesse em realizar a entrevista. Antes de iniciar os procedimentos, com cada jovem escolheu-se um nome fictício, que a partir de então serviu para identificar os relatos e garantiu que nem nome real fosse utilizado durante a pesquisa. Em cada entrevista, foi feito o procedimento da Linha da Vida, seguido de todas as perguntas que constam no guia, sendo oferecidas orientações adicionais e incentivos verbais para aprofundar as respostas e reflexões.

Posteriormente, no dia 24/08/2017, a entrevistadora retornou ao Centro Educativo para realizar uma análise documental de 12 dos 14 dossiês dos entrevistados, sendo que os dois excluídos desse procedimento não estavam mais disponíveis devido a liberação dos jovens da Medida Tutelar.

### 2.4. Procedimento de Análise

A análise de conteúdo, tal qual apresentada por Bardin (1977), é um conjunto de técnicas que tratam as informações contidas em uma comunicação visando seu julgamento de forma rigorosa. Utiliza procedimentos sistemáticos, promovendo um exaustivo trabalho de divisões, cálculos e aperfeiçoamento, que partem da descrição do conteúdo das mensagens, passam pela inferência de conhecimentos e resultam na interpretação da comunicação pautada em deduções lógicas e justificadas. Tem dois objetivos: ultrapassar a incerteza da validade da leitura do documento analisado, verificando se as interpretações

alcançadas são generalizáveis, ou seja, poderiam ser confirmadas por outros observadores; e enriquecer a leitura, partindo de uma leitura atenta e metódica para se alcançar maior produtividade na análise dos dados e maior pertinência dos resultados encontrados. De tal forma, aquele que se propõe a utilizar esse sistema para interpretar dados precisa revestir-se de uma atitude crítica vigilante.

A medida que permite que se investigue não apenas o primeiro plano dos dados de uma comunicação, mas também coloca em evidência um sentido que se encontra em uma segunda dimensão e atinge significados de naturezas diversas (Bardin, 1977), segue ao encontro do que o presente estudo pretende realizar, que é aprofundar-se nos discursos de jovens que vivenciaram a delinquência juvenil para explorar as trajetórias de envolvimento em comportamentos semelhantes à crimes.

Aqui, como o objetivo principal assenta na compreensão das opiniões e impressões de jovens a respeito de suas experiências, utilizou-se apenas a análise categorial, realizando uma análise temática. Essa técnica consiste em realizar operações de divisão dos diferentes elementos da mensagem, agrupando-os em categorias segundo critérios que permitam a organização e classificação dos dados, criando uma ordem ao caos inicial das informações. No presente caso, as categorias foram criadas e classificadas segundo os temas que emergiram nos discursos dos entrevistados.

O método da análise de conteúdos realiza-se em três momentos cronologicamente distintos: faz-se uma análise prévia de todo o conteúdo disponível a ser investigado, segue-se a exploração do material preparado na etapa anterior e conclui-se com o tratamento dos resultados, em que se faz as inferências que conduzem as interpretações. (Bardin, 1977).

Dessa forma, após a coleta de dados, realizou-se a transcrição na íntegra de todas as entrevistas e, posteriormente, foi feita uma leitura flutuante sobre os dados obtidos e, em uma última preparação para a análise fez-se uma coesão das informações de cada entrevista em um resumo que consta todas as ideias apontadas pelos jovens. Ainda nesta etapa prévia definiu-se como objetivo da análise explorar as percepções dos jovens em cumprimento de medida tutelar de internamento sobre o início, continuidade e desistência do envolvimento com atos semelhantes a crimes. No lugar de hipóteses, levantou-se perguntas para guiarem o procedimento, que foram a base dos temas que serviram como índices para a exploração das entrevistas. Para cada pergunta, estipulou-se indicadores associados aos índices. Por exemplo, a pergunta “Quais os fatores que os jovens consideram que podem influenciar a começar a cometer crimes? ”, teve como índice o

tema “motivos para o início do envolvimento infracional” e os indicadores utilizados foram a identificação/presença desses índices e a frequência (Anexo C). Então, realizou-se o recorte do texto, separando os trechos das respostas dos jovens para as perguntas das entrevistas de acordo com cada pergunta/hipótese criada. Os trechos associados as respostas para as mesmas perguntas serviram como o conjunto de dados para cada sistema de categorização, cujas categorias foram elaboradas a partir do tratamento dos dados de acordo com os índices e indicadores previamente definidos.

### 3. Resultados

#### 3.1. Como ocorre o início do envolvimento com crimes?

Foram estabelecidas 11 categorias com os temas citados pelos 14 jovens entrevistados que se relacionam com o contexto de seus envolvimento com atos semelhantes a crimes, sendo 5 relacionados a organização da família nesse momento, 4 tipos de cotidiano diferenciados por um crescente afastamento de normas e rotinas estruturadas, 2 referentes ao tipo de grupo de amigos que tinham e 4 que indicam como se envolveram com ilicitudes (Anexo D). Estabelecendo um quadro geral a partir dessas categorias, os jovens entrevistados, na época em que começaram a cometer atos delinquentes mantinham nenhum ou pouco contato com o pai, na maioria dos casos residindo com a mãe, que vive sozinha com os filhos, com uma irmã e os descendentes de ambas, ou com um novo companheiro, correspondendo a 10 dos 14 casos deste estudo. Quando começaram a se envolver com comportamentos delinquentes não estavam frequentando às aulas na escola, passavam seus tempos livres junto com grupo de pares com tendências a comportamentos antissociais, os quais consideravam seus iguais, permanecendo longos períodos na rua, sem supervisão de adultos e nem realizando atividades estruturadas ou de cunho esportivo, cultural ou pedagógico, mas sim fazendo “o que lhes apetecia”, como ficar conversando, jogar futebol, consumir drogas. Sendo nesse contexto que começaram a prática de ilicitudes.

Quanto a organização familiar, seguem as categorias:

***“Meu pai estava para estrangeiro, não sabia nada, sabia pequenas coisas de mim, do que eu andava a fazer, não sabia muito mais” (Romário).***

Segundo o relato dos jovens, apenas três dos entrevistados, residiam com suas famílias de origem na época em que começaram a se envolver com comportamentos antissociais. Para um desses casos, não foi fornecida maiores informações sobre o contexto familiar. Nos demais, apesar do pertencimento dos genitores homens no núcleo familiar, estes não estavam presentes no cotidiano do filho, um por morar no exterior para trabalhar e a mãe esconder problemas vivenciados em casa, e o segundo por estar por um período de desemprego e dificuldades no seio familiar, o que implicou tanto na genitora quanto no progenitor não fornecerem a atenção que o descendente considera que necessitava.

*“Tipo, os meus pais queriam me ajudar, tentavam. Só que eu também não tive o melhor suporte, por que eles também estavam com problemas a essa altura. A minha mãe teve uma depressão, meu pai não tinha trabalho, e eles andavam preocupados com os problemas deles, e, se calhar, não deram atenção que me deviam ter dado nessa altura”* (Qualquer Um).

***“Ah, também foi aí por causa dos meus pais... Separaram-se.” “Sim, é por causa disso. Depois a minha mãe conheceu outro homem...”*** (Miguel).

Registrou-se o caso de um jovem cujo a família é e era do tipo reconstituída no momento do início do envolvimento com comportamentos antissociais. A separação dos pais, com a posterior relação da mãe com o padrasto, foi citada pelo entrevistado como um fator que contribuiu para seu envolvimento com comportamentos delinquentes.

***“Aqui foi quando fui para a minha tia.”*** (Messi).

Dois jovens residiam com ascendentes, avó e ou tia, em um dos casos maternos e no outro paternos. Um deles morava com a família de uma tia paterna, composta pelo marido desta e filha do casal. Apesar da presença do tio com uma figura masculina em sua casa, o jovem estava residindo com essa família a pouco tempo. Sendo que, no aspecto de configuração familiar, desde tenra idade passou por instabilidade e mudanças frequentes, residindo em lares com diferentes configurações de cuidadores, com ambos os progenitores; com a reclusão do pai, apenas com a genitora e o companheiro; com os maus tratos e a negligência materna, com ascendentes da família materna; posteriormente os ascendentes da família paterna; um período de institucionalização; e, finalmente, com a tia paterna e a família nuclear desta. O segundo caso, os pais foram presos e o jovem e seus irmãos foram morar com familiares, ficando o entrevistado aos cuidados da avó e, depois, indo morar com a tia.

*“Depois, envolvi-me com a minha tia, tive lá, expliquei, depois envolvi-me com os meus primos, tive lá na feira, com os filhos dela. Depois comecei a roubar também. Depois ela me disse “Só dormes aqui se me deres dinheiro”. Comecei a lhe dar dinheiro, ficava com el... A partir, desde os quatorze, fiquei sempre lá”* (Nani).

***“Com minha mãe” (Piqué).***

Em quatro dos casos, os entrevistados residiam apenas com a mãe e irmãos, quando esses existiam. E em mais dois, além da progenitora, vivia também com a família uma tia materna, com ou sem o filho desta. As ausências paternas nessas famílias em cinco dos casos foram por motivos distantes no tempo como o falecimento de um progenitor, um divórcio, ou a manutenção de uma relação episódica entre pai-filho nos demais. Em um dos relatos, a separação recente dos genitores está intimamente relacionada com sentimentos despertados no filho e que contribuíram para o envolvimento com ilicitudes.

***“Tava no Colégio” (Bebeto).***

Em dois casos, os delinquentes iniciaram o envolvimento com comportamentos semelhantes a crimes enquanto estavam residindo em uma Instituição de Proteção.

*“Se calhar foi antes dos 10. Antes da Instituição, eu não fumava. E quando estive nesta instituição eu comecei a roubar e comecei a fazer asneiras... E, que... Que antes sequer eu nem fazia.”* (Neymar).

Quanto a rotina dos jovens, excluiu-se uma das respostas, cujo entrevistado “não se lembra” sobre o tema proposto, e evidenciou-se quatro categorias relacionadas com um contínuo de aumento da desestruturação das rotinas e do afastamento de limites, conforme apresentado abaixo.

***“Saia de casa de manhã, chegava ao almoço, saia outra vez, e depois chegar às oito, oito e meia” (Ronaldo).***

Entre os quatorze jovens entrevistados, apenas um refere que estava frequentando às aulas quando começou a praticar condutas delitogênicas, o que ocorreu por volta de seus 10 anos. Sua rotina consistia em ficar na rua com amigos após o horário de aula, momento em que faziam atividades juntos, como jogar futebol, divertir-se, fumar, e, por vezes, cometer furtos.

*“Eu ia ter com os meus amigos, fumava tabaco, ia ter com umas meninas, às vezes, batia fome e eu ia com pessoas para casa...”* (Ronaldo).

***“Eu saia da escola, ia voltar, eu fumava e voltava. Depois chegava a hora de eu ir para casa, ia para casa, jantava...”*** (Piqué).

Cinco desses rapazes, apesar de passar a maior parte do dia com os amigos, mantinham ainda alguma rotina: ficando o dia fora, mas voltando à noite para o local de moradia; realizando as refeições em casa; passando as madrugadas no ambiente em que moravam dormindo, e indo à escola, mesmo que apenas para esconder que estavam faltando às aulas. A rotina, fora de casa, era semelhante as demais, governada por fazer apenas o que queriam fazer.

*“Quando eu acordava eu ia para a escola, esperava que os meus tios fossem embora para fugir da escola e ir fazer o que eu queria.” (Messi).*

***“Convivia com eles. Estávamos sempre no mesmo sítio onde eles estavam a andar.” (Everton).***

Quatro dos entrevistados tinham suas casas como uma espécie de ambiente de apoio, entrando e saindo a hora em que queriam, onde iam apenas para dormir, realizar atividades de higiene pessoal, e por vezes, comer. Passavam o resto do tempo junto com os amigos em atividades que englobavam a prática delituosa.

*“Depois, quando confiaram em mim, disseram e eu comecei a sair com eles. Para os roubos que tinha por ali.” “Eu acordava, acordava, saía de casa, ia ter com eles, ficava a fumar, e isso. Não ia à escola. A tarde, ia jogar à bola ou ia sair, vinha aqui até o Porto ou isso. Depois à noite, ia a casa, jantava, saía, ia sair para discotecas, ou então para bares. Chegava a casa de manhã ou isso. E dormia. Era só. Não havia dia assim.” (Pedro).*

***“Eu fazia o que me apetecesse.” (Neymar).***

Três deles passavam dias fora do local de moradia, sem atender a nenhum tipo de rotina ou seguimento a normas, dois relatando explicitamente a permanência e vivência de rua.

*“... Eu não ficava em casa, os meus pais não tinham mão para mim, porque eu fugia de casa, desaparecia de casa, e voltava depois de 4, 5 dias” (Romário).*

Quanto aos amigos dos jovens no início da trajetória delinquente, excluiu-se uma das respostas, cujo entrevistado “não se lembra” sobre o tema proposto, e evidenciou-se duas categorias, conforme apresentado abaixo.

***“Mas era um grupo e fazíamos todos as mesmas coisas.” (Piqué).***

Doze dos jovens relataram que na época em que estavam começando a praticar ilicitudes conviviam principalmente com pares que eram em sua maioria, senão na totalidade, delinquentes. Ao descrever esses amigos, sete dos jovens usaram expressões



que denotam identificação com o grupo, indicando como os amigos eram iguais, faziam as mesmas coisas, estavam na mesma situação.

*“Eram como eu, também gostava de implicar com as pessoas, se exhibir e isso. Gostávamos de adrenalina, experimentar coisas novas e isso.”* (Bebeto)

A tendência em se envolver mento com pares velhos foi pontuada na descrição feita por dois dos entrevistados, e ainda foi ressaltado nos dossiês de mais outros quatro desses adolescentes.

*“Eu comecei a andar com eles, que moravam num bairro à beira da minha casa. Comecei a jogar futebol, a ficar a brincar com eles e isso. Só que eles eram mais velhos. E, depois, eles saíam à noite e eu comecei a sair com eles.”* (Pedro).

***“Com ninguém, porque ainda era muito miúdo.”*** (Messi)

Um dos jovens relatou que começou a praticar ilicitudes sozinho, sendo uma época em que não estava inserido em nenhum grupo de amigos.

Quanto a descrição feita pelos jovens sobre como se deu o início de suas trajetórias delinquentes, excluiu-se uma das respostas, cujo entrevistado “não se lembra” sobre o tema proposto, e evidenciou-se 5 categorias restantes, conforme apresentado abaixo.

***“(...) Eu andava com o pessoal e eles faziam, e eu ia fazer o que? E eu ia.”*** (Tafarel).

Sete jovens contam que iniciaram suas trajetórias delinquentes dentro do contexto de envolvimento com pares que tinham condutas antissociais. Os amigos eram as pessoas com quem conviviam, com quem passavam a maior parte do tempo e que faziam coisas parecidas, como ter comportamento delinquentes.

Um deles relata que o excesso de tempo ocioso, motivava a prática de ilicitudes.

*“Ora, comecei com os meus colegas, que iam roubar, comecei a roubar, comecei a furtar chocolates. Todas as crianças roubam chocolates... Então, tem a ver. Eu andava com o pessoal e eles faziam, e eu ia fazer o que? E eu ia. Depois chegava e não tinha nada para fazer, e íamos fazer...”* (Tafarel).

Dois citam como o envolvimento deu-se a partir de um processo, em que foram se familiarizando com os comportamentos do grupo, até que passaram a agir de forma semelhante.

*“Eu comecei a andar com eles, que moravam num bairro à beira da minha casa. Comecei a jogar futebol, a ficar a brincar com eles e isso. Só que eles eram mais velhos. E, depois, eles saíam à noite e eu comecei a sair com eles. E eu comecei a me aperceber*

*das coisas que eles faziam. Comecei a sair com eles, depois eles confiaram em mim. Se me levavam com eles, eu perguntei. Eles disseram que não, que não era muito bom, não sei o quê. Eu insisti e insisti. Depois comecei a sair com eles e comecei a roubar, a faltar à escola, fazer isso tudo, sair à noite.”* (Pedro).

Problemas no ambiente familiar, como desemprego do pai, depressão da mãe ou divórcio dos progenitores, também aparece no discurso de dois jovens como um fator que contribuiu para o afastamento do lar e a procura por grupo de amigos com orientação pró-delinquencial.

*“Meu pai chateou-se da minha mãe, depois divorciaram-se, depois quiseram me mandar para a França e eu não quis. Depois, lá, eu comecei a andar com um grupo de amigos.”* (Everton).

***“Ora. O que aconteceu? Via os outros a andar com roupas de marca, carros, tudo... E eu não queria estar embaixo, não. Cansei dessa vida.”*** (Miguel)

Dois jovens começaram a se envolver com atos delinquentes ao ver pares que conseguiam ter bens materiais a partir desse tipo de conduta.

***“(…) Antes da Instituição, eu não fumava. E quando estive nesta instituição eu comecei a roubar e comecei a fazer asneiras...”*** (Neymar)

Dois jovens percebem que o início do envolvimento com o crime se deu após terem sido inseridos em Instituições de Proteção Social, os Colégios, tendo sido afastados de suas famílias.

*“Eu fui para esse centro por causa de faltar as aulas e coisas assim. Depois, meteram-me no meio dos jovens que já roubavam, que traficavam, mais velhos do que eu. E eu como era, identifiquei-me com esse tipo de jovens, comecei a fazer o que eles faziam.”* (Messi)

***“(…) Quando os meus pais foram presos, foi por aí que eu comecei a roubar.”*** (Nani).

Um jovem relata que, com a prisão de seus pais, ainda durante sua infância, ficou sem ter o suporte familiar necessário para satisfazer suas necessidades e sem o cuidado adequado, levando-o um longo período de permanência na rua e a aprendizagem do furto como meio de sobrevivência.

3.2. Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a começar a cometer crimes?

Foram estabelecidas 17 categorias com os temas citados pelos 14 jovens entrevistados que se relacionam com motivos para o início do envolvimento com atos delinquentes ou fatores que contribuem para esse começo (Anexo E). A influência do grupo de amigos e a falta de itens de necessidade básica foram os mais citados, cada um desses apareceu no discurso de nove e dez adolescentes, respectivamente.

***“Acho que toda pessoa rouba é porque precisa.” (Neymar)***

Citado por dez entrevistados, o motivo mais enunciado sobre a entrada na vida criminal foi a falta de itens básicos para a sobrevivência, como comida, o que levaria, principalmente, ao início do envolvimento com furtos ou roubos. Por vezes, é associado a necessidades pessoal, como a pessoa precisar de comida, porém, em algumas das falas, inclui as atividades delinquentes como uma forma de contribuir para suprir necessidade da família.

*“Por exemplo, eu conheço um rapaz que até passou por aqui que estava cumprindo medida por ter assaltado uma casa a roubar, tipo, a garrafa de gás. Ele cuidava dos irmãos, o pai estava preso, e a mãe eu acho que também estava, não tenho certeza. E quem cuidava dos irmãos era ele. Há pessoas que roubam por necessidade, para comer, para vestir.” (Qualquer Um).*

Três dos jovens consideram que, situações de extrema necessidade podem ter relação com o próprio funcionamento da sociedade, estando associadas ao desemprego estrutural ou o alcance insuficiente da segurança social, ocasiões em que algumas famílias ficam desassistidas, o que favorece de forma significativa o envolvimento em atividades ilícitas.

*“A falta de um trabalho pode ajudar algumas pessoas a caírem no mundo do crime. Não tendo dinheiro para nem, se calhar, para comer. Aí, pode acontecer que as pessoas roubem para ter o que comer. O fato de existirem postos de trabalho em que os seres humanos estão sendo substituídos por máquinas. Isso pode ajudar com que algumas pessoas” (Messi)*

Por vezes, o desejo de suprir as necessidades básicas foi citado junto com o de adquirir outros bens, ter o que as outras pessoas têm.

***“A falta não do básico, do básico eu tinha, mas, do luxo. De querer ter o que os outros têm”. (Ronaldo)***

O desejo por ter bens materiais que estão para além das necessidades básicas foi citado por cinco adolescentes, apesar de aparecer implicitamente também no discurso de

mais um jovem ao tratar do tema curiosidade. Um simples desejo de ter o que os outros têm ou mesmo não querer ter menos do que os demais.

*“Via os outros a andar com roupas de marca, carros, tudo... E eu não queria estar embaixo não. Cansei dessa vida.”*

Dois dos jovens falam abertamente sobre como a parte do que se precisa ter, as necessidades, eram supridas pela família, porém, ainda assim, queriam ter algum “luxo”.

***“E quando tava com eles, eles faziam e eu também fazia” (Neymar)***

A influência do grupo de pares, amigos e familiares, com quem os jovens convive também compareceu de forma evidente nos discursos dos entrevistados, sendo explicitamente considerada um motivo para o início do envolvimento com ilicitudes por 9 rapazes. Em alguns dos casos, a diferença de idade é associada a essa influência, sendo os mais novos encaminhados ao crime pelos mais velhos. *“Quando eu era miúdo, gostava de andar com os maiores. E pronto. Uma coisa levava à outra”* (Piqué). Além disso, esse convívio pode contribuir para que a prática de comportamentos que são tipificados como crimes se torne algo aparentemente normal *“Era pequeno, comecei a ver os meus amigos e minhas amigas com dinheiro, todos andavam a furtar, comecei a furtar também”* (Claudio). O grupo de amigos ou colegas é apresentado ora como uma fonte de sentimentos de segurança e bem-estar *“Sentia-me muito bem com eles. Mesmo lá fora eu sentia-me protegido. Foi por aí.”* (Qualquer Um), ora como caminho para a aprendizagem das condutas delitivas *“Eu não tinha quem me apoiasse, via as outras pessoas a roubar, me ensinaram. Passado aí, eu fui sempre a roubar, nunca desisti.”* (Nani), ora como propulsionadores de uma compulsão ao ato delinquente. *“Eu tenho aqueles amigos que não fazem nada, que não roubam, e tem aqueles que gostam de fazer isto. E quando tava com eles, eles faziam e eu também fazia. (...) Eu seguia o caminho deles”* (Neymar).

***“Os pais estão presos, as mães estão presas. A família já teve tios presos. (...) Influencia também a família, ver entrar por aqueles caminhos...”*** (Qualquer Um)

Seis dos adolescentes consideraram que familiares podem ser um modelo que contribuem para o envolvimento de crianças e jovens em atos delinquentes na medida em que estão ou estiveram presos ou praticam crimes.

*“... Se eu nascesse em uma família diferente no ambiente, é claro que não. Acho que, às tantas eu não ia roubar.”* (Neymar) ou em *“Sei lá. Hum. Sabe quando eu comecei a fumar ganzá, por exemplo, meu pai andava com ganzá. Na altura ele também consumia e eu via.”* (Piqué).

***“O nosso ambiente tem sido mau. Na questão juvenil, tem sido muito mau.”***  
**(Romário)**

A vizinhança em que moram, principalmente quando se trata de um bairro social, é apresentada de múltiplas formas, quanto a como pode influenciar ou não o envolvimento em comportamentos delinquentes. Para dez dos jovens em questão, a vizinhança não os influenciou a se envolver com ilicitudes, apesar de um deles afirmar que viver em um bairro social pode contribuir nesse sentido. *“Não. Eu já vivi em um bairro, já vivi em casas normais, já vivi em organizações. Hoje acho que o que define a pessoa é o que a pessoa quiser ser. Não é por que vivem em um bairro que vai ter que roubar, que vai ter que fazer esse tipo de coisa. Já vivi em um bairro e não foi por isso que roubei.”* (Messi).

Ainda assim, seis jovens percebem que um “ambiente pesado” é algo que pode contribuir para o envolvimento com ilicitudes. O que ocorre quando o ambiente é favorável a prática de ilicitudes, propiciando muitas oportunidades *“Fazer cafés, assaltar nas lojas, roubar carros e outro tipo de coisas”* *“Era fácil abrir os carros.”* (Nani); ou se nele há muitas pessoas que estão envolvidas com crimes ou atos semelhantes, contribuindo para que os que ali vivem tenham contato constante com esses modelos *“Um ambiente pesado, que eu moro no bairro, né? A maior parte é... Toda a gente se orienta roubando ou traficando. E eu cresci no meio daquele ambiente.”* (Ronaldo); ou mesmo sendo um espaço em que se estabelecem amizades e se constrói aprendizagens, inclusive as que podem em algum momento contribuir para a prática de ilicitudes *“Influenciou um bocado”* *“Foi lá que eu... Sei lá, comecei a andar de bicicleta, que começou a jogar à bola, que comecei a fazer as primeiras asneiras.”* (Piqué). E, para um dos jovens, o ambiente ou a sociedade tem sido algo ruim para a juventude, porém, por motivos que ele não sabe explicar. *“Nesta sociedade, não é, não é... Cada vez está pior, é o que eu acho. Sou uma pessoa jovem, não percebo muito em questão de economia, de sociedade, não percebo muito... Mas vejo que cada vez está pior, porque cada vez há mais jovens que estão presos, mais jovens que são pais. Isso é mau para a sociedade, (...) O nosso ambiente tem sido mau. Na questão juvenil, tem sido muito mau.”* (Romário).

***“... Só se envolve quem quer”*** (Qualquer um)

Apesar de constar explicitamente no discurso de apenas quatro jovens, está implícito em mais discursos a ideia de que o envolvimento com atos semelhantes a crimes tem como um dos principais motivos a vontade de cometer atos delinquentes ou a imagem que a pessoa tem de quem ela quer ser *“Eu faço os crimes porque eu quero, eu se não*

*quisesse eu não ia fazer.” (Neymar). Ou seja, esse pensamento inclui a noção de que o delinquente juvenil desejava de alguma forma se envolver com os atos cometidos ou mesmo queria ser ou estar com os pares envolvidos com ilicitudes. “Acho que tudo é a partir da pessoa. Tipo, a pessoa só se envolve a partir do momento que quer passar um tempo com essas pessoas. Percebe?” (Qualquer Um).*

***“Não consigo esperar para ver, tenho que estar no sítio certo. E uma hora aconteceu.” (Tafarel)***

Quatro jovens percebem que algumas características deles contribuem para eles agirem de forma impulsiva ou irresponsável, ou seja, sem pensar nas consequências dos próprios atos: ser muito ansioso, hiperativo, impulsivo ou irresponsável. Fatores esses que influenciam o envolvimento em comportamentos inadequados.

***“Experimenta e depois gostarem para valer. Começam por curiosidade.” (Pedro)***

Também quatro jovens consideraram que a curiosidade pode ser um fator que contribua para o envolvimento com ilicitudes. Curiosidade para descobrir como é ter certas bens *“Tem. A curiosidade de ver como são as coisas. (...) Bom, todos os adolescentes que começam a ver o que tem na televisão e tem menos, entram para o crime” (Tafarel)*, mas também para experimentar coisas novas e emocionantes, como um furto *“Saber qual é a sensação de roubar um chocolate no minipreço.” (Ronaldo).*

***“Crianças que crescem, que nascem, que crescem sem os pais, que os pais não querem saber de seu desenvolvimento. Torna-se autônomas e agem por si.” (Ronaldo)***

***“Crer que tem razão e estar, tipo, cheio de raiva, cheio de revolta.” (Miguel)***

***“Crescer no meio dessa vida e não saber fazer outra coisa. Não ser criado para fazer outra coisa. E segue sempre isso.” (Piqué)***

A falta de suporte familiar, a forma como as crianças são educadas e a frustração ou raiva são fatores que foram motivos para a entrada na carreira criminal citados por dois jovens cada um.

Seis outros motivos foram citados em discursos isolados, entre eles a busca por diversão e por adrenalina, o consumo de drogas, pensamentos antissociais e o ato delinquente como uma forma de exibicionismo.

3.3. Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a continuidade na trajetória delinquente?

Foram estabelecidas 17 categorias com os temas citados pelos 14 jovens entrevistados, sendo excluídas dessa categorização apenas a resposta de um jovem, que relatou não saber sobre o assunto discutido. As categorias definidas se relacionam com motivos para a continuidade no envolvimento com atos delinquentes no início da carreira criminal e após a mais drástica forma de intervenção do estado, a aplicação Medida Tutelar de Internamento, sendo 8 e 9 categorias para cada um desses temas respectivamente (Anexo F).

Para os entrevistados, a continuidade no envolvimento com atos delinquentes no início da carreira criminal é motivada pelo fato dos envolvidos começarem a gostar da vida que passam a ter ao cometer delitos, por vários fatores que contribuíram para o início da prática infracional manterem-se, por não haver uma força externa suficientemente convincente ou forte que os faça parar, por sentirem uma compulsão por ganhar mais dinheiro ou ter mais coisas, pela conduta delincente se tornar um hábito, pela forma como os comportamentos antissociais são reforçados no grupo e tornam a pessoa reconhecida e pela forma de pensar com orientação pró-delinquencial.

***“O fato de eu gostar de cometer esses crimes. Ganhar, gosto de roubar e de fazer outro crime qualquer.” (Ronaldo).***

Seis jovens percebem que a continuidade na trajetória criminal logo no início do envolvimento tem relação com os prazeres que passam a ter relacionados com as práticas delinquentes, como o sentimento de adrenalina, ter dinheiro e poder fazer aquilo que deseja, e gostar do próprio ato delincente em si.

***“O estar rodeado de pessoas que roubavam também e ver os outros a fazer e aprender coisas.” (Ronaldo).***

Cinco jovens citaram que essa continuidade está relacionada com a manutenção dos motivos que contribuíram para a entrada na trajetória criminal, como o grupo de amigos com orientação pró-delinquencial, as necessidades não supridas, o desejo por certo nível de luxo e a falta de suporte familiar.

***“Não ter alguém que me parasse, dissesse que não, que fizesse ninguém... que me fizesse recuar. Ou até a parar.”, “Não haver ninguém que me fizeste recuar ou a parar.” (Messi).***

***“Isso... Isso vicia muito.” (Miguel).***

***“Imagina, tu habitua a fazer uma certa coisa, continua sempre a ficar a fazer a mesma coisa. Fica habituado.” (Everton).***

Três ideias diferentes foram citadas cada uma por dois jovens. A primeira relaciona-se com a falta de limites externos que fossem suficientes para que o jovem desistisse do crime, seja esse imposto por uma pessoa ou seja pelo Estado ou pela lei.

*“... o tribunal, eu acho que, se calhar, poderia agir mais cedo no internamento. Invés de, por exemplo, eu cometi os atos um bocado há uns anos atrás, só me internaram quando eu já tinha parado de cometer esses atos ilícitos. Acho que isso está mal. Se calhar, deviam ter agido mais cedo. Se calhar, para com que eu não tivesse avançado.”* (Qualquer Um).

A segunda associa-se a uma compulsão ao crime por se querer ter cada vez mais, ter mais dinheiro, ter mais coisas.

*“Nós queremos mais. É como pessoas traficantes, que querem muito dinheiro e continuam a traficar. Querer mais dinheiro, fazendo mais dinheiro, fazendo mais negócio, querendo mais negócios. Isso faz com que não conseguimos parar.”* (Romário).

A terceira refere-se a forma como, para alguns jovens, cometer atos delinquentes se tornam um hábito, algo do cotidiano que fazem por repetição.

*“Quem anda maluco não.. É, assim, não quer estar abaixo de ninguém. Ele, para se mostrar que é forte continua a isso, para ser também conhecido neste mundo do crime.”* (Bebeto).

*“Antes pensava em sair daqui e ir roubar e agora não.”* (Messi).

Por fim, evidenciou-se duas categorias cujos temas que abarcam foram citados por um jovem cada. O primeiro retrata como algumas condutas antissociais são repetidas por serem reforçadas pelo grupo de pares e, de uma forma próxima, por tornarem a pessoa reconhecida nesse meio social. O segundo abarca a questão de que jovens que estão envolvidos com atos delinquentes tem pensamentos e comportamentos, a “mentalidade”, que estimulam e validam os comportamentos antissociais.

Para os entrevistados, a continuidade no envolvimento com atos semelhantes a crimes após algum tempo de percurso na trajetória delincente, tendo passado inclusive por uma Medida Tutelar de Internação, é motivada por falta de interesse em mudar de vida sendo o crime o que desejam para seu presente, pela Medida Tutelar não ter sido o suficiente para que aprendessem que não compensa se envolver com atos delinquentes, por sentirem-se com raiva e revoltados, por gostarem de estarem envolvidos com crimes, por retornarem ao mesmo contexto em que estavam antes da Medida, por continuarem a



cometer delitos a partir de uma compulsão para tal, um vício, ou por terem vontade de parar e não conseguirem.

***“(...) E aqui dentro [no Centro Educativo] não são o que são lá fora. E é por aí. Se ele quiser mesmo mudar, consegue; se não, quando sair...” (Qualquer Um).***

Quatro dos jovens consideraram que o que faz com que a pessoa continue no crime a longo prazo, inclusive após a intervenção do Estado através da Medida Tutelar de internação, é pelo fato de que não querem mudar, não pensam em parar a cometer delitos, nem têm interesse em viver de outra forma. Para um dos rapazes, isso relaciona-se com o fato de que o envolvimento com o crime e o que isso implica se torna parte de seus hábitos e rotinas, é a vida que a pessoa tem, simplesmente.

***“Lá está, isso vai dar mente de cada um. Há gente que simplesmente vem aqui, isso é uma passagem, chega lá fora rouba, entra aqui, sai. E faz disso uma rotina. São hábitos para ele que não vão perder.” (Ronaldo)***

Um dos entrevistados considera que isso ocorre com aqueles que não têm em suas vidas o que os motive a ter uma viver diferente, a ter “uma vida normal”.

***“Sei lá, tipo, uma pessoa que não tem família, que não tem nada onde se agarrar, não vai, quando sair vai voltar a cometer crimes, isso, para mim é ser alguém que não tem uma vida normal.” (Messi).***

***“Olha, lá está, não aprenderam nada.” (Tafarel).***

Três dos entrevistados consideram que há uma aprendizagem importante associada a Medida Tutelar de Internamento, que ensina algo sobre o sofrimento da perda da liberdade ou como a consequência inevitável para o envolvimento com o crime é a prisão, que é ainda pior do Internamento, logo mostra como o crime não compensa. Para eles, os jovens que continuam no crime não conseguiram aprender isso.

***“Porque, se calhar, a medida não foi suficiente. Porque há pessoas que apanham... Eu conheço muita gente que já esteve aqui ou no colégio que apanharam seis meses, saíram e continuaram a fazer mais coisas. Não serviu nada. E, essas pessoas deviam refletir, pensar.” (Pedro).***

***“Lá está, por que saem daqui [do Centro Educativo] revoltados.” (Piqué)***

***“Gostam! É essa a palavra perfeita para isso. Gostam de fazer aquilo que querem.” (Romário).***

***“Imagina que no bairro sei que há pessoas problemáticas, pessoas que não vão à escola, que não trabalham e muitos vão ter com eles. E fazem a mesma coisa.” (Everton)***

Três motivos para essa continuidade na trajetória criminal foram apontados cada um por dois jovens, o sentimento de revolta presente após o cumprimento da Medida Tutelar de Internamento; o sentimento de prazer, o gostar de praticar comportamentos antissociais e de fazerem aquilo que querem fazer, sem limites, conseguido através do envolvimento com atos semelhantes a crimes; e o retorno ao mesmo ambiente e mesmo grupo social em que estavam inseridos anteriormente e no qual praticavam ilicitudes.

*“ (...) Mas muitos falam que gostam de ser assim, gostam de aquilo. Parece um gosto, a honra de fazer aquilo que quero. Então é isso faz, levam-os. Eles têm conhecimento para isso, para fazer isso. Lá está, os maus caminhos, as possibilidades... (...) Gostam! É essa a palavra perfeita para isso. Gostam de fazer aquilo que querem. E eles gostando de fazer aquilo que querem, gostarem de vadear, gostarem de roubar, gostarem de agredir, é isso que os leva a esse tipo de coisas. É uma coisa que eu não sei como há de mudar. Não muda. Há pessoas que não mudam. Mas, muitas vezes podem mudar com o tipo de consequências com a nossa justiça.” (Romário).*

***“Não sei. Se calhar, ficaram viciados, é sempre a mesma coisa. (...)” (Nani).***

***“Ai, chegam lá fora e tropeçam outra vez. ” (Piqué).***

Dois outros motivos ainda foram citados, cada um por um jovem: o cometimento de atos delitogênicos como resultado de um vício, uma compulsão por furtar, por exemplo; e o caso das pessoas que desejam desistir da carreira criminal, resolvem buscar novas alternativas, mas quando retornam para a comunidade após uma Medida Tutelar de Internamento, não conseguem alcançar essa mudança e voltam a cometer delitos.

3.4. Será que ao longo do percurso de envolvimento com crimes, os fatores para continuar cometendo crimes são os mesmos?

Comparando os dois grupos categorizados, associados a continuidade no início do envolvimento com atos delinquentes e depois de um percurso maior, inclusive com uma ação incisiva e intrusiva do Estado, a Medida Tutelar de Internamento, encontrou-se dois motivos que se repetem, um citado uma vez na continuidade mais tardia por um entrevistado diferente, e outro retomado por duas pessoas que o citaram, a compulsão pelo crime e o gostar do crime, respectivamente. Um outro ponto semelhante é que alguns

jovens citaram que, no início, a continuidade na trajetória criminal ocorre pela manutenção de fatores de risco que eram marcantes no início do envolvimento criminal, outros jovens apontaram que a continuidade posterior está associada ao retorno dos jovens ao ambiente e contexto social no qual estavam inseridos anteriormente a Medida Tutelar. Ressalta-se que todos esses foram citados por menos entrevistados ao se referir sobre a continuidade posterior do que a anterior. As respostas se deslocaram, assim, para a falta de motivo ou de interesse em mudar de vida e a não aprendizagem ao longo do percurso sobre os aspectos negativos e destrutivos da trajetória escolhida.

3.5. Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a desistir de cometer crimes?

Foram estabelecidas 12 categorias com os temas citados pelos 14 jovens entrevistados. As categorias definidas se relacionam com motivos para a desistência do envolvimento com atos delinquentes no início da carreira criminal e após a mais drástica forma de intervenção do estado, a aplicação Medida Tutelar de Internamento, sendo 7 e 5 categorias para cada um desses temas respectivamente (Anexo G).

Para os entrevistados, a desistência no envolvimento com atos delinquentes após uma curta carreira criminal, quando ela ainda está insipiente, é motivada pelo fato dos desistentes considerarem grandes os riscos relacionados com essas atividades, ficando inibidos diante da perspectiva de punição caso continuem; pelo desejo de seguir um caminho diferente do que o que traçado no mundo da criminalidade, a percepção de que está fazendo a família sofrer e o desejo de parar essa mágoa; a partir do amadurecimento pessoal; resultado de uma transformação pessoal motivada por um acontecimento marcante e inesperado; compreensão sobre os prejuízos causados pelos atos cometidos e alterações nos fatores que motivaram a entrada no crime.

***“Conheço. Agora, foi isto... Teve medo e depois não quis arriscar mais.”***  
(Neymar).

Seis jovens consideram que um dos motivos para o abandono de comportamentos delinquentes pode ser motivado pelo medo de punições. Isso pode acontecer quando nos primeiros momentos de envolvimento com práticas ilícitas o delinquente fica diante de uma punição ou ameaça de punição e passa a considerar as condutas antissociais um risco indesejável, ou mesmo quando ao longo do percurso começa a perceber alguns prejuízos e

repensar nas punições que pode vir a sofrer e consideram que não querem ter que lidar com tais consequências negativas.

*“Não sei. Começou a ter a vida apertada. Apanhar uns processos e ser presos e tudo. Chegou a uma certa altura que... Eu também vou chegar a uma certa altura que vou deixar de ser bandido.”* (Miguel)

***“Vê que não é essa vida que ele quer.”* (Everton).**

Três jovens avaliam que um dos motivos para a desistência no início do percurso infracional é que, ao se envolver e conhecer esse caminho, a pessoa percebe que não o quer para si, cansa-se de cometer atos semelhantes a crimes e cessa.

***“Eu, no meu caso, é a família”* (Piqué).**

***“Se calhar é perceber o mal que tinha feito.”* (Messi)**

Dois dos jovens referem que ainda no início de uma carreira criminal o sofrimento da família devido ao envolvimento de um jovem em atos semelhantes a crime pode ser um fator que motive a desistência dos atos delinquentes, como forma de cessar o pesar que vem causando.

*“A família cansada, fazendo a chorar, o pesar. Ele ia ver o desgosto da família ao estar fazendo aquilo. E decidi parar, pensar e recomeçar”* (Bebeto).

Outros dois jovens consideram que compreender que seus atos causam prejuízos para si e para outros pode estimular a desistência.

*“Ora, se calhar perceberam que a vida do crime não compensa. Vemos que... Ao conseguir nossas coisas estamos a prejudicar os outros e a nós mesmos.”* (Tafarel).

***“Ganham maturidade.”* (Ronaldo).**

***“Eu só sei de um único caso. Foi um amigo meu que foi pai e parou.”* (Claudio)**

***“Ou então, por ter roubado só mesmo por necessidade e não por costume.”* (Messi)**

Três jovens citaram cada um mais outro motivo para a desistência do crime após uma curta trajetória criminal. Um deles é o amadurecimento pessoal, que nessa fase refere-se a desenvolver um olhar sobre as consequências negativas relacionadas com o crime, a valorização do que tem em sua vida e o planejamento do futuro divergente da carreira criminal. Um segundo motivo é vivenciar um acontecimento marcante e inesperado que resulta em uma transformação pessoal que incentiva o fim do envolvimento com atos delinquentes. Por fim, alterações nos fatores que motivaram a entrada no crime podem

fazer que a razão para o envolvimento deixe de existir, cessando assim as condutas delitogênicas.

Para os entrevistados, a desistência do envolvimento com atos semelhantes a crimes após algum tempo de percurso na trajetória delinquente, tendo passado inclusive por uma Medida Tutelar de Internação, é motivada por alterações na forma como percebe as consequências do cometimento de crimes ou mudanças na própria pessoa, devido o amadurecimento pessoal, em prol de fazer algo pela família e pela compreensão sobre os prejuízos causados pelos atos cometidos.

***“Ela pensou que podia parar em um sítio pior do que isto.” (Nani)***

Para sete jovens a experiência de perder a liberdade e cumprir uma Medida Tutelar de Internamento faz com que alguns delinquentes reflitam sobre o custo que suas ações estão lhe provocando e o quanto poderão sofrer se continuarem agindo de forma semelhante a que estavam fazendo. Essa mudança na forma de ver ou de sentir a liberdade e a punição penal ou mesmo outra consequência negativa para crimes levaria ao desejo de abandonar condutas antissociais e de alterar o estilo de vida.

*“Saem daqui, porque aqui fica um ano, dois, no máximo três. E percebem que daqui para a frente já não querem isso. É o tipo de pena, é o tipo de sítio, é o tipo de ambiente.”. (Messi)*

***“Se calhar, alguns saem daqui outra pessoa diferente.” (Miguel)***

Outros quatro entrevistados abordam de forma mais genérica os resultados de experienciar uma Medida Tutelar de Internação, considerando que ela pode estar relacionada com mudanças na pessoa. Essa pessoa diferente é alguém que resolve não mais cometer crimes.

***“Ganhar maturidade, pensar que a vida não vai ser sempre a base do crime, quem tem que crescer, ter uma família, filhos.” (Ronaldo).***

Para dois jovens, a desistência do crime está associada ao amadurecimento, que se relaciona com a percepção de que se tem que promover mudanças diante da compreensão de que o cometimento de atos ilícitos é incompatível com seu projeto de vida.

***“Lá está, esses aprenderam, como é óbvio...” (Tafarel)***

***“Pensar na família, nas pessoas que ajudaram e ter objetivos.” (Pedro)***

Dois jovens citaram cada um mais outro motivo para a desistência do crime após o cumprimento de uma Medida Tutelar de Internamento, um deles falou sobre a aprendizagem ao longo desse percurso sobre como o cometimento de atos semelhantes a

crimes prejudica a si e aos outros, não se devendo roubar nada de ninguém; o segundo abordou sobre a desistência poder ser em prol de fazer algo pela família, pelas pessoas que estiveram apoiando o delinquente durante seu percurso, incentivando-o a cessar os comportamentos antissociais.

3.6. Será que ao longo do percurso de envolvimento com crimes, os fatores para desistir de cometer crimes são os mesmos?

O contato com as consequências negativas ou uma percepção mais apurada sobre elas, o que está associado com o medo de sofrer tais consequências ou consequências maiores provenientes da continuidade no crime, aparece como motivo para desistência tanto no início do percurso infracional como após uma trajetória mais duradoura. Algo que pode ter relação com esse primeiro aspecto é a forma como alguns jovens durante a Medida Tutelar de Internamento mudam, passando a refletir sobre suas trajetórias e resolvem desistir do crime. O sofrimento da família também é motivador para a desistência nas duas situações. Para quatro dos jovens o motivo da desistência do crime é o mesmo em uma trajetória criminal curta ou maior, três deles percebem que esses fins se relacionam com a percepção de que o envolvimento com crimes não compensa, ou pela punição de perda de liberdade ser algo tão doloroso que não vale a pena arriscar ou pela compreensão do prejuízo causado a si e aos demais a partir de comportamentos delinquentes. Para o quarto jovem citado o amadurecimento pessoal é o principal motivador para o fim do envolvimento criminal, sendo que a maturidade é descrita diferente no início do percurso infracional, que se refere a percepção de que se tem coisas a perder pelo envolvimento com crimes e o desejo de percorrer um caminho melhor, e em um momento posterior, que é o desenvolvimento de uma compreensão de que não se tem como continuar trajetória criminal, que a pessoa tem que mudar seu estilo de vida para passar para uma próxima fase, para uma vida adulta.

#### 4. Discussão

Assim como apontado solidamente na literatura, pode-se perceber a partir do discurso dos entrevistados a presença de múltiplos fatores de risco que contribuem para a entrada na delinquência juvenil. Considerando as descrições dos próprios jovens sobre seus

contextos no momento de início de percurso infracional, evidencia-se aspectos relacionados ao estatuto socioeconômico, a influência dos pares, as experiências escolares e o afastamento da escola, o contexto familiar e as práticas de parentalidade, principalmente no que tange a imposição de limites, rotina e a falta de monitorização de seus cotidianos, colaborando com os dados que defendem a importância desses como fatores de risco. Ao abordarem as motivações para a entrada na trajetória delincente, apontam ainda alguns fatores como o desejo consumista; influências de familiares ou do ambiente social; a falta de suporte familiar, o modelo de parentes criminosos ou presos; características pessoais como hiperatividade, impulsividade, irresponsabilidade e ansiedade; necessidade exibicionista; crenças antissociais; busca por sensações; sentimentos de raiva e frustração.

Notou-se que os jovens, ao longo de seus envolvimento com atos semelhantes a crimes passam por um processo de afastamento de normas e rotinas estruturadas. Ressaltar esse processo, combinado com alguns dos fatores de risco que se mostraram tão constantes entre esses jovens, como a evasão escolar e a influência de grupos de pares ou modelos negativos, inclusive em jovens com trajetórias consideravelmente dispare, pode ser algo a ser melhor estudado para se verificar sua validade como sinais relevantes dessa fase de entrada na trajetória delincente.

Foram citadas quatro formas ou processos de envolvimento com ilicitudes, um intimamente relacionado ao pertencimento a um grupo de pares que tem comportamentos antissociais; o segundo associado ao desejo de se ter bens materiais que são vistos como sendo possíveis de se obter a partir do envolvimento com comportamentos delitogênicos; o terceiro aponta para um momento de desestruturação familiar que desencadeia necessidades que passam a ser satisfeitas através da delinquência; e o quarto refere-se a forma como a Institucionalização, normalmente ocorrida como Medida Protetiva, pode, por vezes, aproximar e possibilitar a inserção de jovens no contexto de criminalidade.

Todo esse cenário coaduna com a teoria de Thornberry e Krohn (2005) que considera os comportamentos, tanto os antissociais como os pró-sociais, como parte de um padrão que se estabelece através das relações do indivíduo com seu ambiente de forma processual e que ocorre no bojo da estrutura social.

Ao mesmo tempo, olhando a partir da ótica do Modelo de Desenvolvimento Social, as várias citações entre os motivos que representam o papel dos agentes de socialização, vai ao encontro da percepção dos comportamentos antissociais como influenciados pelas pessoas que vão assumindo importância na vida dos indivíduos. Somado a isso há ainda a

vontade, o desejo de suprir necessidades básicas ou de obter bens materiais através de atos semelhantes a crimes, o agir como resposta a uma curiosidade, que são todos exemplos de motivações percebidas pelos jovens que corroboram com a noção de que o cometimento dos atos delinquentes é uma escolha, uma decisão racional, embasada na análise custo-benefício e motivada, em grande escala, por desejos hedonistas e priorização egocêntrica dos interesses.

Considerando a continuidade na trajetória delinquente, as mudanças entre os motivos para começar e continuar nesse percurso no seu início e após um maior envolvimento na realidade criminal reforçam a noção apresentada pela Teoria Interacional de que as causas dos comportamentos delinquentes se alteram ao longo da vida.

No discurso dos entrevistados, evidencia-se fatores para a continuidade na trajetória delinquente que estão intimamente relacionados com um padrão de comportamentos antissociais, como se o envolvimento com ilicitudes introduzisse e mantivesse os jovens em uma forma de vida e de escolha de caminhos que estimula por si a manutenção de tais condutas. Ao mesmo tempo, a manutenção de tais condutas também reforça este estilo de vida e de fazer escolhas. Há diversos aspetos da “vida no crime” que continua os atraindo para a conduta delinquente, e a conduta delinquente reforça a manutenção desses aspetos. O que está de acordo com uma das premissas da teoria citada, os nexos de causalidades circulares. Então, o envolvimento em condutas delinquentes e as suas causas alimentam-se, ao mesmo tempo em que alguns jovens sentem que não há algo maior para impedi-los de assim o agir, como uma força externa que seja suficiente para quebrar esse ciclo. Porém, quando o comportamento semelhante a crimes tem como consequência algo realmente grave e negativa para o delinquente, essa pode ser experienciada ainda como parte desse nexo de causalidade, como uma pessoa com condutas antissociais associadas a uma raiva e sentimento de injustiça enormes que, após uma medida tutelar, sente ainda mais raiva e envolve-se ainda mais no crime.

Além disso, ainda em favor dessa ideia, notou-se, de alguma forma, ao longo da trajetória dos jovens, mudanças nas causas dos comportamentos antissociais, ou seja, por vezes, há motivos relacionados com o início do envolvimento com o crime que diferem dos que fazem continuar quando no início da trajetória e mesmo quando ela se torna mais duradoura, sendo que em todos esses a pessoa está em diferentes fases de sua vida.

Novamente coadunando com a Teoria Interacional, os motivos citados para a desistência da delinquência estão relacionados com a certas fragilidades dos fatores de



riscos iniciais, com a relação da trajetória do comportamento com outras de suas trajetórias, por exemplo a trajetória familiar; bem como pela forma como essas trajetórias influenciam e são influenciadas pelo processo de desenvolvimento pessoal e pelas oportunidades percebidas. Assim, exemplifica-se aqui duas das três premissas fundamentais desta teoria, a perspectiva de desenvolvimento e a proporcionalidade de causa e efeito.

Interessante ressaltar que a própria forma como os comportamentos criminais são percebidos ao longo da trajetória aparentemente sofre mudanças. É possível que ocorra, em muitos casos, uma escolha pelo comportamento antissocial a partir de uma “ilusão do crime”, em que o foco do jovem está no que pode ganhar com tais condutas, mas que essa passa a ser cada vez mais sustentada por constrangimentos que conectam a pessoa a criminalidade. Por exemplo, no início, os aspectos que podem ser considerados vantajosos por se relacionar com atos semelhantes a crimes são evidenciados, como se envolver para conseguir dinheiro ou para ter coisas que os outros têm, por exemplo. Posteriormente, a continuidade aparenta estar relacionada com o processo de solidificação de um padrão de comportamentos criminais, ocorrendo a retroalimentação das condutas delinquentes e da delinquência. Logo após os primeiros atos, por vezes, ressalta-se as vantagens, como continuar por estar gostando, por ter prazer com a adrenalina, pela sensação de vício, por considerar que os comportamentos delinquentes possibilitam que a pessoa faça tudo o que lhe apetece. Porém, com um envolvimento cada vez mais profundo na delinquência, consequências negativas passavam a ser vivenciadas. Ainda assim, há aqueles que continuam, por estarem conectados a essa forma de vida, por lhes faltar motivos para mudar, terem revolta, não aprendizagem as consequências dos atos. Considera-se que talvez o crime seja, a princípio, sentido por muitos jovens como uma promessa de liberdade e também um atalho para coesão social, porém, após certo tempo, passa a ser como uma prisão, semelhante ou até pior que as “amarras”, ou o controle social, que restringem os comportamentos da sociedade normativa e ainda ser uma nova forma de isolar a pessoa do que é dito como normal.

Seguindo esse pensamento, o principal motivo, após o cumprimento de Medida Tutelar, para a desistência da trajetória criminal, é que o jovem passa a refletir e a ver as coisas de forma diferente, passando a desejar uma vida diferente. Vê o lado ruim do crime, a punição e o sofrimento que lhe causou. Vê o sofrimento da família e o desejo deles de que a pessoa mude. Passa a ver o outro. Por vezes, vê o outro, a família, por vezes, também

passa a ver as vítimas. E, vê a si mesmo. Começa a perceber que está prejudicando a si e aos demais. Essa mudança é sentida como um amadurecimento, em que a pessoa precisa “abrir mão” da falsa onipotência prometida pelo crime, percebendo as perdas que esse percurso está lhe trazendo e para os demais, e buscando inserir-se na sociedade normativa. Fazendo um movimento em direção ao próximo estágio de desenvolvimento, em que pode alcançar objetivos do mundo dos “adultos”, como construir uma família, engajar-se em um trabalho.

Por fim, afora das discussões já realizadas e que foram pautadas a partir de teorias desenvolvimentistas sobre a delinquência juvenil, as opiniões e percepções de jovens ofensores levantaram algumas reflexões e dúvidas a respeito de certos temas que não foram explorados, mas que deixo aqui registrados: questões como a ausência de modelos masculinos, a influência de ideais consumistas na sociedade e nos jovens, a banalização da violência e de crimes e a forma como alguns estereótipos contribuem para comportamentos delinquentes, a necessidade de busca de sensações e os sentimentos de não pertencimento a grupos normativos.

## 5. Conclusões

A delinquência juvenil é um tema importante para ser compreendido. As taxas de envolvimento de jovens em comportamentos delinquentes são significativas e os resultados são muito duros para as comunidades, famílias e indivíduos. Os jovens como um todo, mas em maior número os membros de grupos vulneráveis da sociedade, sofrem golpes diários diante da problemática da delinquência juvenil que impacta a sociedade de forma geral. Jovens matam e se matam, mancham seu percurso diminuindo suas oportunidades no futuro e ou se envolvem em uma trajetória criminal que se perpetua por parte de sua vida, quando não por ela toda. Suas famílias e a comunidade sofrem cotidianamente com essas escolhas. E sociedade como um todo vê sua juventude tendo seu potencial subutilizado, além de ter suas taxas de crimes aumentadas e os gastos com segurança pública e com programas de intervenção para a delinquência juvenil também ampliados.

Os pesquisadores da área entram em consenso quanto alguns fatores de risco para a delinquência juvenil e existem teorias sobre o crime que ajudam a compreender certos aspectos do fenômeno associado a juventude. Inúmeros são os trabalhos focados na

criminalidade em geral e na delinquência juvenil. Apesar disso, o crime e a delinquência continuam sendo um tabu social, com muito a ser compreendido, e que se mantém como tema de alarde para a mídia e cercados por ideias e práticas interventivas que têm obtido resultados que não são suficientemente eficientes. Assim, pode-se considerar que ainda há muito o que se aprender e o que melhorar nessa área.

Um dos aspetos não muito explorados é a perspectiva de pessoas que já passaram por experiências de se envolver com a delinquência juvenil como ofensores. Este trabalho buscou fazer uma exploração a respeito de como a trajetória de envolvimento com a criminalidade é percebida por esses jovens. Para pautar discussões, após uma análise geral sobre a delinquência e as teorias desenvolvimentistas, utilizou-se sobretudo a Teoria Interacional Thornberry e Krohn (2005) para lançar luz sobre os dados encontrados.

Dessa forma, observou-se que a percepção de ofensores a respeito de suas trajetórias aponta para como inúmeros importantes sinais estão presentes no momento em que os jovens estão no início de seus envolvimento com atos delinquentes, o que foi discutido sob a ótica da proporcionalidade de causas e efeitos. Prevaleceu nos relatos um cenário em que houve o progressivo afastamento de uma rotina estruturada, com especial atenção ao espaço escolar e a evasão às aulas, para dias ociosos que passam a ser pautados apenas por seus interesses e pela imitação dos pares com tendências antissociais ou a busca por sensações. Bem como a quase total ausência de monitorização do dia a dia e de obediência a limites. Neste contexto, a busca por suprir as próprias necessidades e a influência de pares são os principais motivadores para o início das condutas delituosas. Já a continuidade na trajetória criminal foi discutida a partir do pressuposto teórico dos nexos de causalidade, sendo evidenciado no relato dos entrevistados indícios de que os atos delinquentes e o próprio contexto em que estão inseridos respondem a uma causalidade bidirecional, o envolvimento do jovem em um contexto criminal contribui para os atos delinquentes ao mesmo tempo em que esse contexto é reforçado por eles. Quanto as opiniões sobre desistência da delinquência contribuem para ressaltar o caráter processual do envolvimento com o crime, bem como esse processo se inscreve dentro do desenvolvimento dos jovens, influenciando e sendo influenciado pelo amadurecimento pessoal e pela forma como a trajetória comportamental interage com as demais trajetórias que fazem parte da vida de cada um, como a da família, por exemplo. O amadurecimento pessoal, a aprendizagem ao longo do próprio percurso e a vontade de buscar opções diferentes são fortes motivadores para a desistência na trajetória criminal, ao mesmo tempo

em que o estar adaptado a essa trajetória, o sentir-se pertencente e integrado as escolhas que estão atreladas ao caminho criminal, ou o não sentir que se tem outras opções e até não as querer, são parte de motivos para se perpetuar no crime.

Os discursos de jovens ofensores foram interpretados e coadunaram com a Teoria Interacional e seus pressupostos. Essa, então, serviu como uma ferramenta útil para compreender alguns aspetos sobre a trajetória criminal que foram evidenciados pelos entrevistados. Apesar disso, também se tornou evidente que as demais teorias apresentadas poderiam complementar o olhar sobre os dados ou oferecer reflexões a partir de diferentes ângulos. Por exemplo, assim como apresentado na discussão, o Modelo de Desenvolvimento Social, de Catalano e Harkins (Gago, 2013) também foi valioso, permitindo perceber a delinquência juvenil como uma escolha, tal qual apresentada pelos ofensores, tendo os comportamentos antissociais semelhantes a crimes iniciado motivados pelo desejo de satisfazer interesses hedonistas. Assim, ressaltamos que as diferentes teorias poderiam servir como grelhas de análise do fenômeno, não se anulando, mas mostrando diferentes perspectivas do complexo tema da delinquência juvenil.

Algumas dificuldades foram encontradas ao longo desse trabalho. Uma foi o fato de que a exploração dos dados permitiu um material extenso para análise que teve de ser limitado de forma prática para se enquadrar aos objetivos desse trabalho, ainda assim, registrou-se aqui algumas questões não debatidas que surgiram durante esta investigação e que podem servir de inspiração para futuros trabalhos, temas como a ausência de modelos masculinos, a influência de ideais consumistas na sociedade e nos jovens, a banalização da violência e de crimes e a forma como alguns estereótipos contribuem para comportamentos delinquentes. Uma segunda dificuldade foi relacionada a enquadrar as teorias existentes para servir como pano de fundo para a discussão das trajetórias narradas, principalmente, que se aprofundassem a compreensão a respeito da continuidade no crime. Há muitas formas de se explicar a entrada ou não no crime, e vem crescendo o interesse na desistência do crime, mas ainda é escasso o estudo sobre a continuidade nesse percurso. Exatamente por essas limitações, a forma como a teoria Interacional possibilita pensar na trajetória delinquente como um processo que influencia e é influenciado pelo próprio desenvolvimento pessoal, e no qual os motivos dos atos antissociais podem ir mudando ao longo do tempo é um dos motivos para ela ter sido utilizada para lançar luz as reflexões feitas nesse trabalho.

Também seria viável e interessante a complementação da análise de conteúdo realizada, somando à análise temática a análise da enunciação, que permitiria observar o discurso em si como um ato, preenchendo nuances que se evidenciam durante a realização das entrevistas, mas que não ganharam forma nos resultados apresentados. Porém, foi considerado que há diferenças culturais entre a entrevistadora/analisaadora dos dados e os entrevistados que poderiam interferir nas deduções realizadas, considerando que a pesquisadora é oriunda de um país diferente de onde ocorreu a coleta de dados e não foi possível realizar o *prolonged engagement* no ambiente onde foi realizada a pesquisa. Além disso, outros meios de buscar garantir uma maior qualidade ao trabalho apresentado foram planejados e, inclusive, começaram a serem colocados em prática, como o *member check*, mas por questões associadas à prática Institucional e às peculiaridades do contexto da Medida de Tutelar de Internamento, não foi possível serem realizadas.

Junto com essas questões, notou-se a limitação de que público alvo da pesquisa foram jovens que estavam institucionalizados, respondendo uma entrevista por estarem internados cumprindo uma medida tutelar, sendo a entrevistadora uma estranha para eles, o que pode ter contribuído para que suas falas fossem menos realistas, mais desconfiadas, ou, pelo menos, ter reforçado a influência da desajustabilidade social ao responder.

Concluindo, o presente trabalho contextualizou o fenômeno da delinquência juvenil, expôs alguns enquadramentos teóricos sobre a delinquência, principalmente no âmbito desenvolvimentista, e deu voz a jovens ofensores a respeito de suas trajetórias delinquentes, mostrando de forma profunda e rica dados obtidos. Nesse sentido, contribui significativamente para a literatura na área de delinquência juvenil acrescentando informações sobre uma perspectiva interna, profunda e particular sobre o assunto. As informações obtidas e as reflexões levantadas favorecem a compreensão da delinquência juvenil em sua forma processual e como parte do desenvolvimento dos ofensores e mostram a partir de uma perspectiva mais próxima e humana. Assim, lança uma luz para uma perspectiva sobre o tema que pode ser usada por gestores e aqueles que atuam diretamente com os que convivem com esses jovens, bem como para a sociedade em geral. Esse aspecto se torna relevante para esse tema tabu, pois pode servir para a diminuição de estigmas que rondam jovens que cometeram ofensas. Ainda assim, percebe-se a necessidade de mais pesquisas desse tipo, aprofundando dados obtidos e somando novas informações.

## Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bartol, C. R., Bartol, M. (2005). *Criminal Behavior: A Psychosocial Approach* (7ª Ed.). Pearson Education Prentice Hall.
- Braga, T. & Gonçalves, R. A. (2013). Delinquência juvenil: da caracterização à intervenção. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, Lisboa, 4 (1).
- Brunelle, N., Cousineau, M.-M. & Brochu, S. (2005). Juvenile Drug Use and Delinquency: Youths' Accounts of Their Trajectories. *Substance Use & Misuse*, 40: 721-734.
- Carvalho, M. J. L. de (2005). Jovens, espaços, trajetórias e delinquências. *Sociologia, problemas e práticas*, 49, 71-93.
- Cerqueira, D., & Lobão, W. (2004). Determinantes da criminalidade: arcabouços teóricos e resultados empíricos. *Dados*, 47(2), 233-269.
- Clinard, M. B. & Meier, R. F. (2008). Deviant Event and Social Control. In *Sociology of deviant behavior* (13ª ed.). Thomson: Wadsworth.
- Estrada, F. (2001) Juvenile Violence as a social problem: trends, media, attention and societal response. *The British Journal of Criminology*, 41, 639-655.
- Farrington, D. P. & Ttofi, M. M. (2014). Developmental and Life-Course Theories of Offending. Em Morizot, J. & Kazemian, L (Eds.), *The development of criminal and antisocial behavior: theory, research and practical applications* (19-38). Springer.
- Gago, R. P. N. (2013). *Implementação de uma Intervenção Psicossocial em Indivíduos Toxicodependentes: a Importância da vinculação e do suporte social*. Tese de mestrado, Departamento de Ciência da Educação e do Património, Universidade Portucalense, Porto, Portugal.
- Garrido, E. A. C. B. (2012). *O desenvolvimeto e significação de trajetórias desviantes*. Tese de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Howitt, D. (2002). Theories of crime. In *Forensic and Criminal Psychology*, Pearson Education Prentice Hall.
- Jang, S. J. (2010) Thornberry, Terence P.: Interactional Theory. Em Cullen, F. T. & Wilcox, P. (Eds.). *Encyclopedia of Criminological Theory*, (1, 948-953). Sage.
- Le Blanc, M. (1997). A generic control theory of the criminal phenomenon: the structural and dynamic statements of an integrative multilayered control theory. Em: Thornberry, T. P. (Ed.) *Developmental Theories of crimes and delinquency* (Advances in

- criminological theory, 7, 215-286). New Brunswick (Estados Unidos) e Londres (Reino Unido): Transaction publishers.
- Loeber, R. & Burke, J. D. (2011) Developmental Pathways in Juvenile Externalizing and Internalizing Problems. *Journal of Research on Adolescence*, 21 (1), 34-46.
- Mincey, B., Maldonado, N., Lacey, C. H. & Thompson, S. D. (2008, March). Perceptions of successful graduates of juvenile residential programs: reflections and suggestions for success. *The Journal of correctional education*, 59(1).
- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-Limited and Life-Course-Persistent Antisocial Behavior: A Developmental Taxonomy. *Psychological Review*, 100 (4), 674-701.
- Morizot, J. & Kazemian, L. (2014). Introduction: Understanding criminal and antisocial behavior within a developmental and multidisciplinary perspective. Em Morizot, J. & Kazemian, L (Eds.), *The development of criminal and antisocial behavior: theory, research and practical applications* (pp. 1-16). Springer.
- Rodriguez, F. J.; Rodríguez-Franco, L.; López-Cepero, J. & Bringas, C. (2010). Juvenile delinquency and young offender: bibliographical and bibliometrical review of two perspectives of study. *The European Journal of psychology applied to legal context*, 2 (2), 117-143.
- Sanz, A.; Moreno, M. & Pérez, R. (2016). Significaciones del proceso de integración social de jovens exinfratores em la ciudad de Cali. *Psicogente*, 19 (35), 110-127.
- Silva, D. F. M. da (2002). O desenvolvimento das trajetórias do comportamento delinquente em adolescentes infratores. Tese doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia.
- Thornberry, T. P. & Khorn, M. D. (2005). Applying Interactional Theory to the Explanation of Continuity and Change in Antisocial Behavior. In: Farrington, D. P. (2005). *Integrated Developmental and Life Course Theories of Offending. Advances in Criminological Theory. Volume 14*. Transaction Publishers. New Brunswick (USA) and London ( UK). Second printing 2011. ISBN: 978-0-7658-0280-4. Capitulo 8. pp. 183-210.
- Tzoumakis, S.; Lussier, P.; Le Blanc, M. & Davies, G. (2012). Onset, offending, trajectories, and crime specialization in violence. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 11 (2), 143-164.

## Anexos

### 1. Anexo A

#### Guia da Entrevista

Olá, eu me chamo Gabriela e estou aqui para lhe fazer algumas perguntas que fazem parte de uma pesquisa. Gostaria de lembrá-lo que este estudo tem como objetivo entender um pouco sobre sua opinião quanto ao seu envolvimento no mundo de criminalidade e o percurso nesse meio. Não precisa se preocupar, que seu nome não irá aparecer na pesquisa e tudo o que disser vai ser registrado sem se associar ao seu nome real, vou usar um apelido falso. Que tal \_\_\_\_\_? Gostaria de lembra-lo que não há respostas certas ou erradas, sendo que o que eu espero é conhecer um pouco sobre como foi realmente a sua experiência. Além disso, sou treinada para não ficar realizando julgamentos, estou aqui simplesmente para ouvir a sua história. Saiba que a qualquer momento pode desistir da sua participação sem sofrer consequências negativas, sendo que está aqui para me ajudar nessa pesquisa, é algo totalmente voluntário. Acredito que o que tem a dizer pode me ajudar a entender mais sobre esse assunto. Dessa forma, eu e outras pessoas teremos algo novo para pensar que pode nos influenciar ao tentarmos entender o assunto e a aprender como ajudar crianças e adolescentes antes, durante e depois de cometerem um ato igual aos que são tipificados como crime. Assim, sua participação vai ser muito importante para mim. Obrigada! Tem alguma dúvida? Vamos começar?

Quero lhe fazer algumas perguntas, só que pensei em um jeito que pode deixar mais fácil para mim entender a sua história. Antes de lhe perguntar essas coisas, pensei em primeiro fazermos um rascunho de uma linha da vida... Vou fazer uma linha que vai simbolizar a sua vida. Aqui no ponto 0 é o dia em que nasceu. Vou colocar alguns traços e cada um significa um ano de sua vida (fazer um desenho de uma linha da vida, com o nascimento até a idade atual e uma linha que segue). Pronto. Vou lhe pedir para marcar alguns pontos que eu gostaria de saber quando aconteceram, mas antes podemos marcar alguns acontecimentos que você considera marcantes aqui nessa linha. Pode marcar alguns pontos marcantes de sua vida? Algum fato que se lembra com frequência ou um acontecimento bom que viveu ou algum ruim... Quando for marcar, se quiser pode representar todo um período ou só um fato, um dia, um acontecimento. Para um período, pode marcar um ponto para lhe lembrar de um período ou marcar um período todo... É a sua linha da vida e pode fazer como achar mais fácil. (Esperar para ver se desenha alguns pontos marcantes e os identifica).

Ok. Agora eu gostaria que você marcasse alguns pontos que eu vou lhe falar. Pode ser? (Esperar confirmação). Eu gostaria que você marcasse um ponto que vai significar quando você cometeu pela primeira vez um ato que era semelhante a um crime. Vou anotar o nome do tipo de crime aqui. Além desse tipo de crime, você cometeu outros atos que também eram semelhantes a outros tipos de crime? (Se sim, pedir: você pode marcar a primeira vez que cometeu cada um e identificar o tipo de crime a que o ato se assemelha?). Você pode marcar a primeira vez que a polícia lhe levou para uma delegacia? Você pode marcar as medidas tutelares que recebeu? Pode colocar um asterisco nas quais você começou a cumprir? Teve alguma que foi interrompida por algum motivo? Se teve, poderia marcar quando foi interrompida? Vou registrar o que aconteceu para a interrupção. O que foi? Se teve alguma medida que você cumpriu completamente, você pode marcar quando recebeu a liberação? Após a liberação, caso tenha acontecido, pode marcar alguma atividade ou evento que acha que lhe ajudou a se manter longe de atos semelhantes a crimes? Você pode marcar também algum evento que tenha lhe dificultado a se manter afastado desses atos? Ok, isso já é bastante na linha do tempo por agora... Tem mais alguma coisa que acha que poderia ser



marcado aqui? Ao longo da entrevista, se lembrarmos de mais alguma coisa, podemos ir marcando, pode ser?

1) Na sua opinião, o que faz com que uma criança ou um adolescente cometa um ato que é igual a um crime?

2) Pode me contar um pouco sobre como foi para você? Por que você começou a se envolver com atos iguais aos tipificados como crimes? Percebe alguns fatores em você, na sua vida, na sociedade, no mundo, ou qualquer outro, que tem uma relação com essa parte da sua história?

3) Você lembra como era sua rotina na época que isso começou a acontecer? Com quem você morava? Como eram os amigos que você tinha?

4) O que acha que faz com que uma criança ou adolescente, após seus primeiros atos semelhantes a crimes, continuem nesse percurso de envolvimento em comportamentos considerados inadequados?

5) O que fazia com que você continuasse envolvido com atos tipificados como crimes?

6) O que você acha que faz com que um jovem, após ter começado esse percurso, desista de cometer esses atos considerados inadequados?

7) Começar a ter contato com a polícia e juízes do sistema juvenil influenciou alguma coisa no seu percurso de envolvimento com ilicitudes? Se sim, influenciou como?

8) Como que cumprir uma Medida Tutelar afeta a vida de um adolescente quanto a seu envolvimento com ilicitudes?

9) E cumprir uma medida tutelar influenciou o seu percurso? Se sim, como?

10) Antes de terminar sua medida tutelar, você se lembra como achava que seria quando fosse liberado da sentença? O que foi diferente do que você esperava? E o que foi igual?

11) E o que você fez ao voltar a comunidade? Para onde foi e como era sua rotina assim que terminou sua sentença?

12) Mudou alguma coisa para você ou na sua vida de antes para depois da medida?

13) Quais as dificuldades que um jovem que passou por uma medida tutelar pode passar ao retornar para a comunidade? Você passou por alguma dificuldade ao voltar a comunidade?

14) O que acha que pode ajudar ao jovem a lidar com as dificuldades que lhe aparecem quando retorna à comunidade? Teve alguma coisa que lhe ajudou?

15) Na sua opinião, por que alguns jovens que cumpriram uma medida socioeducativa voltam a cometer atos de delinquência?

16) E por que alguns não voltam a cometer esses atos?

17) Vamos supor que um adolescente de sua comunidade, chamado Ulisses, acabou de sair de um programa de detenção. A família de Ulisses pediu-lhe que o ajudasse a não voltar a se envolver com atos de delinquência. Como você lidaria com essa situação? (Você tem algum conselho que você poderia dar a esse adolescente?)

Bem, estas são as perguntas que eu havia pensado. Sobre esses assuntos que estivemos conversando, tem mais alguma coisa que gostaria de me contar?

Muito obrigada pela participação.

## 2. Anexo B

### Consentimento Informado

Olá,

O jovem \_\_\_\_\_ está sendo convidado a participar deste trabalho de investigação, intitulado a priori por “Percepções de jovens sobre suas trajetórias na delinquência juvenil e os desafios para a reintegração social”. A participação neste estudo é voluntária e cada convidado pode retirar-se a qualquer altura, ou recusar participar, sem que tal facto tenha consequências para si. Esta pesquisa insere-se num estudo que decorre no âmbito do curso de Mestrado em Temas de Psicologia e tem como principal objectivo dar voz a jovens que tiveram um contacto direto com a delinquência juvenil de forma a, partindo de seus pontos de vista, clarificar como eles percebem esse fenómeno e suas trajetórias de envolvimento com o ilícito. Dessa forma, pretendemos contribuir para um melhor conhecimento sobre o tema e esperamos entrar em contacto com informações que podem indicar sugestões que influenciem melhores práticas de intervenções nessa área. É por isso que a colaboração dos convidados é fundamental.

Planeamos realizar 16 entrevistas individuais, cada uma com duração média de uma hora. Os entrevistados serão jovens que durante a adolescência cometeram atos iguais aos tipificados como crime e gostaríamos que suas respostas sejam gravadas para permitir uma melhor análise do que for informado. Além disso, solicitamos ter acesso ao dossiê de cada participante referente ao processo de passagem pelo sistema Tutelar Educativo, como um meio de complementar as informações recolhidas. Todos os dados obtidos serão tratados pela autora da pesquisa, Gabriela Maia Sousa, vinculada a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, e o nome real dos participantes entrevistados não serão publicados, havendo o cuidado em se preservar a identidade de todos. O resultado da investigação, orientada pelo Professor Doutor Jorge Negreiros, será apresentado na Faculdade acima referida, com época provável de apresentação em meados de 2018.

Este termo se encontra redigido em duas vias de igual conteúdo e teor, sendo uma para o participante e/ou responsável e outro para a pesquisadora.

Depois de tomar ciência das explicações acima referidas, declaro que aceito participar nesta investigação.

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/2017

Para convidados menores de idade:

Eu, \_\_\_\_\_, responsável por \_\_\_\_\_, declaro estar ciente das explicações acima referidas e autorizo a participação deste convidado na pesquisa.

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/2017

Nome do pesquisador responsável: **Gabriela Maia Sousa** (telefone: 913 362 149)

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

Caso fique com dúvidas, entre em contacto. E obrigada por participar!

### 3. Anexo C

#### Grelha de Análise do Conteúdo das Entrevistas

Perguntas	Índice	Indicador
Como ocorre o início do envolvimento com crimes?	1. Pessoas com quem residia. 2. Atividades em que estava envolvido. 3. Companhias com quem andava. 4. Forma como se envolveu com crime.	- Presença do tema - Frequência
Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a começar a cometer crimes?	5. Motivo para o início do envolvimento infracional	- Presença do tema - Frequência
Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a continuar a cometer crimes?	6. Motivos para a continuidade do envolvimento com crimes no início do percurso 7. Motivos para a continuidade do envolvimento com crimes após a Medida Tutelar	- Presença do tema - Frequência
Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a desistir de cometer crimes?	8. Motivos para a desistência do envolvimento com crimes no início do percurso 9. Motivos para a desistência do envolvimento com crimes após a Medida Tutelar	- Presença do tema - Frequência
Será que ao longo do percurso de envolvimento com crimes, os fatores para continuar cometendo crimes são os mesmos?	Índices 6 e 7 identificados e categorizados em procedimento anterior.	- Semelhanças - Diferenças
Será que ao longo do percurso de envolvimento com crimes, os fatores para desistir de cometer crimes são os mesmos?	Índices 8 e 9 identificados e categorizados em procedimento anterior.	- Semelhanças - Diferenças

Observação: Usou-se o termo crimes de forma a simplificar, mas, refere-se a atos semelhantes a crimes, porém cometidos por crianças ou adolescentes inimputáveis.

#### 4. Anexo D

##### Categorização (Como ocorre o início do envolvimento com crimes?)

Índice	Categorias	Número de Citações
1. Pessoas com quem residia	<i>“Meu pai estava para estrangeiro, não sabia nada, sabia pequenas coisas de mim, do que eu andava a fazer, não sabia muito mais”</i> (Romário).	3
	<i>“Ah, também foi aí por causa dos meus pais... Separaram-se.” “Sim, é por causa disso. Depois a minha mãe conheceu outro homem...”</i> (Miguel).	1
	<i>“Aqui foi quando fui para a minha tia.”</i> (Messi).	2
	<i>“Com minha mãe”</i> (Piqué).	4
	<i>“Tava no Colégio”</i> (Bebeto).	2
2. Atividades em que estava envolvido.	<i>“Saía de casa de manhã, chegava ao almoço, saía outra vez, e depois chegar às oito, oito e meia”</i> (Ronaldo).	1
	<i>“Eu saía da escola, ia voltar, eu fumava e voltava. Depois chegava a hora de eu ir para casa, ia para casa, jantava...”</i> (Piqué).	5
	<i>“Convivia com eles. Estávamos sempre no mesmo sítio onde eles estavam a andar.”</i> (Everton).	4
	<i>“Eu fazia o que me apetecesse.”</i> (Neymar).	3
	<i>“Mas era um grupo e fazíamos todos as mesmas coisas.”</i> (Piqué).	12
3. Companhias com quem andava.	<i>“Com ninguém, porque ainda era muito miúdo.”</i> (Messi)	1
	<i>“(...) Eu andava com o pessoal e eles faziam, e eu ia fazer o que? E eu ia.”</i> (Tafarel).	7
4. Forma como se envolveu com crime.	<i>“Ora. O que aconteceu? Via os outros a andar com roupas de marca, carros, tudo... E eu não queria estar embaixo, não. Cansei dessa vida.”</i> (Miguel)	2
	<i>“(...) Antes da Instituição, eu não fumava. E quando estive nesta instituição eu comecei a roubar e comecei a fazer asneiras...”</i> (Neymar)	2
	<i>“(...) Quando os meus pais foram presos, foi por aí que eu comecei a roubar.”</i> (Nani).	1

## 5. Anexo E

Categorização (Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a começar a cometer crimes?)

Índice	Categorias	Número de Citações
5. Motivo para o início do envolvimento infracional	<i>“Acho que toda pessoa rouba é porque precisa.”</i> (Neymar)	10
	<i>“A falta não do básico, do básico eu tinha, mas, do luxo. De querer ter o que os outros têm.”</i> (Ronaldo)	5
	<i>“E quando tava com eles, eles faziam e eu também fazia”</i> (Neymar)	9
	<i>“Os pais estão presos, as mães estão presas. A família já teve tios presos. (...) Influencia também a família, ver entrar por aqueles caminhos...”</i> (Qualquer Um)	6
	<i>“O nosso ambiente tem sido mau. Na questão juvenil, tem sido muito mau.”</i> (Romário)	6
	<i>“... Só se envolve quem quer”</i> (Qualquer um)	4
	<i>“Não consigo esperar para ver, tenho que estar no sítio certo. E uma hora aconteceu.”</i> (Tafarel)	4
	<i>“Experimenta e depois gostarem para valer. Começam por curiosidade.”</i> (Pedro)	4
	<i>“Crianças que crescem, que nascem, que crescem sem os pais, que os pais não querem saber de seu desenvolvimento. Torna-se autônomas e agem por si.”</i> (Ronaldo)	2
	<i>“Crer que tem razão e estar, tipo, cheio de raiva, cheio de revolta.”</i> (Miguel)	2
	<i>“Crescer no meio dessa vida e não saber fazer outra coisa. Não ser criado para fazer outra coisa. E segue sempre isso.”</i> (Piqué)	2
	Motivos citados em discursos isolado (Busca por diversão e por adrenalina, o consumo de drogas, pensamentos antissociais e o ato delinquente como uma forma de exibicionismo.)	6

## 6. Anexo F

Categorização (Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a continuar a cometer crimes?)

Índice	Categorias	Número de Citações
6. Motivos para a continuidade do envolvimento com crimes no início do percurso	<i>“O fato de eu gostar de cometer esses crimes. Ganhar, gosto de roubar e de fazer outro crime qualquer.”</i> (Ronaldo).	6
	<i>“O estar rodeado de pessoas que roubavam também e ver os outros a fazer e aprender coisas.”</i> (Ronaldo).	5
	<i>“Não ter alguém que me parasse, dissesse que não, que fizesse ninguém... que me fizesse recuar. Ou até a parar.”</i> , <i>“Não haver ninguém que me fizeste recuar ou a parar.”</i> (Messi).	2
	<i>“Isso... Isso vicia muito.”</i> (Miguel).	2
	<i>“Imagina, tu habitua a fazer uma certa coisa, continua sempre a ficar a fazer a mesma coisa. Fica habituado.”</i> (Everton).	2
	<i>“Quem anda maluco não.. É, assim, não quer estar abaixo de ninguém. Ele, para se mostrar que é forte continua a isso, para ser também conhecido neste mundo do crime.”</i> (Bebeto).	1
	<i>“Antes pensava em sair daqui e ir roubar e agora não.”</i> (Messi).	1
7. Motivos para a continuidade do envolvimento com crimes após a Medida Tutelar	<i>“(...) E aqui dentro [no Centro Educativo] não são o que são lá fora. E é por aí. Se ele quiser mesmo mudar, consegue; se não, quando sair...”</i> (Qualquer Um).	4
	<i>“Olha, lá está, não aprenderam nada.”</i> (Tafarel).	3
	<i>“Lá está, por que saem daqui [do Centro Educativo] revoltados.”</i> (Piqué)	2
	<i>“Gostam! É essa a palavra perfeita para isso. Gostam de fazer aquilo que querem.”</i> (Romário).	2
	<i>“Imagina que no bairro sei que há pessoas problemáticas, pessoas que não vão à escola, que não trabalham e muitos vão ter com eles. E fazem a mesma coisa.”</i> (Everton)	2
	<i>“Não sei. Se calhar, ficaram viciados, é sempre a mesma coisa. (...)”</i> (Nani).	1
	<i>“Ai, chegam lá fora e tropeçam outra vez.”</i> (Piqué).	1

## 7. Anexo G

Categorização (Quais os fatores que esses jovens consideram que podem influenciar a desistir de cometer crimes?)

Índice	Categorias	Número de Citações
8. Motivos para a desistência do envolvimento com crimes no início do percurso	<i>“Conheço. Agora, foi isto... Têve medo e depois não quis arriscar mais.”</i> (Neymar).	6
	<i>“Vê que não é essa vida que ele quer.”</i> (Everton).	3
	<i>“Eu, no meu caso, é a família”</i> (Piqué).	2
	<i>“Se calhar é perceber o mal que tinha feito.”</i> (Messi)	2
	<i>“Ganham maturidade.”</i> (Ronaldo).	1
	<i>“Eu só sei de um único caso. Foi um amigo meu que foi pai e parou.”</i> (Claudio)	1
	<i>“Ou então, por ter roubado só mesmo por necessidade e não por costume.”</i> (Messi)	1
9. Motivos para a desistência do envolvimento com crimes após a Medida Tutelar	<i>“Ela pensou que podia parar em um sítio pior do que isto.”</i> (Nani)	7
	<i>“Se calhar, alguns saem daqui outra pessoa diferente.”</i> (Miguel)	4
	<i>“Ganhar maturidade, pensar que a vida não vai ser sempre a base do crime, quem tem que crescer, ter uma família, filhos.”</i> (Ronaldo).	2
	<i>“Lá está, esses aprenderam, como é óbvio...”</i> (Tafarel)	1
	<i>“Pensar na família, nas pessoas que ajudaram e ter objetivos.”</i> (Pedro)	1